

# REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 4

Abril de 1915

Ano LXVII

Director, proprietario e editor — Empresa da Revista Militar

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL  
pertencente a Coelho da Cunha Brito & C.<sup>a</sup> — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

## A FLUCTUAÇÃO

DA

### Politica Internacional da Espanha

A politica espanhola, favoravel á aliança com a Inglaterra, cuja conveniencia havia sido sustentada por Moret, então Presidente do Conselho, na memoravel sessão do Congresso de 17 de março de 1906, foi naturalmente acolhida com manifesta simpatia pelos inglêses.

O conhecido telegrama de Guilherme II a seu irmão o Principe Henrique, seguidamente á aprovação da lei, que lançou as bases do poder naval germanico, em que dizia textualmente — «Não descançarei enquanto não houver elevado a marinha alemã ao nivel do actual exercito alemão» — havia causado verdadeiro pavor na Grã Bretanha.

Perante essa evidente ameaça, não sómente á sua supremacia naval, mas ainda á segurança do proprio territorio, foi que este país se viu obrigado a abandonar a politica da *splendid isolation*, durante tanto tempo adoptada, depois dos seus estadistas haverem publicamente reconhecido, que ela representava «uma verdadeira calamidade publica», como o declarou o ministro dos estrangeiros Sir Edward Grey.

Foi seguidamente a essa reconsideração, para a qual tanto contribuiu Eduardo VII, que a Inglaterra negociou a aliança com o Japão (1902), que lhe permitiu reduzir as estações navais orientais em favor das europeias, e acordou as *Ententes Cordiales* com a França (1904) e, seguidamente, com a Russia (1907). Mas não parou com a celebração de tais factos a



atraente acção política internacional, que ela se propoz desenvolver, tão analoga á que já havia realizado nos seculos XVII, XVIII e XIX.

A substituição da politica de isolamento pela de atracção corresponde a confirmação feita por Lord Salisbury, em 1902, dos velhos tratados de aliança, que ligavam a Grã Bretanha e Portugal. Pouco depois dessa confirmação visitou o porto de Lisboa a esquadra do almirante Sir Arthur Wilson, o qual, devidamente auctorizado pelo seu governo, pronunciou no banquete, que lhe foi oferecido na Sala do Risco do Arsenal de Marinha, o brinde em que a referida aliança foi proclamada.

Depois, em 1903, por ocasião da visita do Rei Eduardo VII ao nosso país, ainda este soberano teve ocasião de acentuar nos seus discursos a sua qualidade de nosso aliado. E o tratado de arbitragem, assinado a 16 de novembro de 1904, em Windsor, novamente confirmou essa aliança.

Mais tarde, interpelado o governo inglês por duas vezes no parlamento ácerca da subsistencia da aliança com Portugal, outras tantas a confirmou. A primeira, foi na sessão de 28 de março de 1912, na qual Sir Edward Grey respondeu textualmente — «que o tratado de 1661, que estava ainda em vigor, obrigava a Inglaterra a defender e proteger as conquistas e colonias pertencentes a Portugal contra todos os seus inimigos». — A segunda, na sessão da Camara dos Comuns de 3 de abril do mesmo ano, na qual, á pergunta do deputado M. Noel Buxton sobre *se a aliança offensiva e defensiva* entre os governos inglês e português fôra recentemente renovada, respondeu aquelle mesmo ministro — «que era grande erro falar de aliança anglo-portuguêsa como aliança offensiva e defensiva, se o sr. Buxton estudasse o texto dos tratados, que haviam sido publicados em 1898, veria *que a aliança era puramente defensiva*; que, não tendo esses tratados sido celebrados com termo definitivo, eram de sua natureza perpetuos, e, portanto, não estavam sujeitos a renovação; mas esses tratados haviam sido confirmados de vez em quando, e a ultima alusão formal de tal confirmação fôra feita no preambolo do tratado de arbitragem anglo-português de 1904».

No desenvolvimento de uma tal politica internacional de atracção não foi exceptuada a Espanha. A visita realizada pelo



rei Eduardo VII a este país, em 1907, acompanhado por Sir Charles Hardinge, secretario permanente do ministerio dos negocios estrangeiros, tem significação identica á que quatro anos antes havia efectuado a Portugal. No banquete dado em Cartagena, em 8 de abril, a bordo do couraçado *Numancia*, os brindes trocados entre aquele monarca e o Rei D. Afonso, combinados com o aludido discurso parlamentar de Moret, não deixam hoje duvidas de que já a aproximação dos dois países estava então acordada.

«Não esqueci, disse o Rei de Espanha, o cordial acolhimento que me foi feito pelo povo inglês em varias ocasiões e, especialmente, ha dois anos, quando tive o prazer de ser hospede de V. M. em Londres. Aquele acontecimento assinalou na minha vida, e para a minha felicidade pessoal, um instante decisivo; invoco-o hoje para assegurar como a amizade entre a Espanha e Inglaterra, que minha mãe muito amada se esforçou em desenvolver, e que se apoiava na solidariedade de interesses e na reciproca simpatia dos dois países, se estreitou ainda mais pelos laços de parentesco estabelecidos entre as nossas duas casas. A intimidade de relações entre a Nação Espanhola e a Grã-Bretanha não deixava de lhes alcançar vantagens comuns e contribuirá para a obra generosa empreendida por V. M. de afirmar a bôa harmonia entre todos os Estados. Animado por tais sentimentos saúdo tambem a esquadra britânica, poderoso instrumento sempre disposto a ser utilizado, conforme as intenções de V. M., no serviço dos principios uteis á causa do progresso».

Retorquiu-lhe o Rei Eduardo:

«Não esquecemos a visita oficial de V. M. a Londres, e correspondemos no desejo de que os laços entre as nossas duas casas e os nossos dois países, os quais se fundam não só em tradições historicas, mas nas comunidades de interesses e, tambem, na verdadeira simpatia, se estreitem e se afirmem por estes felizes acontecimentos».

Desde o referido acto de Cartagena, no qual o Rei D. Afonso foi acompanhado pelo Presidente do Conselho, que já



ficou dito no artigo anterior ser então o sr. D. Antonio Maura, e pelo ministro dos estrangeiros sr. Allende Salazar, facto que maior significação politica deu ao ocorrido, havia sido bem ostensivamente manifestado entre os homens publicos das diversas parcialidades, quer no parlamento, quer na imprensa, o proposito de abandonar a politica de isolamento em que a Espanha por tanto tempo se manteve, e de procurar conquistar na vida activa internacional um logar, senão proeminente, pelo menos de evidencia, que podesse compensar as perdas e contrariedades, de que o passado lhe havia sido fertil.

Quando se organisou o gabinete liberal, da presidencia do malogrado estadista sr. Canalejas, já este manifestou tal proposito, quando, na reunião das maiorias, efectuada a 13 de junho de 1910, pronunciou um memoravel discurso, que terminou pela afirmação de que—«o partido liberal havia de deixar um rasto indelevel na historia da Espanha pela sua reconstituição economica, mental e social *e pela afirmação da sua personalidade no mundo*».

Dois anos volvidos, em 24 de março de 1912, no banquete dado no Ministerio da governação, voltava o referido estadista a desenvolver a mesma ideia, mas com maior precisão, nas seguintes palavras:

«Tenho grande fé na vitalidade da Espanha, nação consciente do seu dever, viril e generosa, nem bastante humilde para viver da condescendencia alheia, nem bastante altiva para constituir uma ameaça de perturbação no mundo, mas resolvida a ser respeitada. Os tempos são de paz, embora ás vezes fuljam relampagos, que anunciam tempestades; as ideias que dominam o mundo são pacificas, conciliadoras, mas a paz é, talvez, ainda melhor assegurada e mantida pelo temor da guerra, pela enorme preparação para a luta, sem que existam já neutralidades indefesas, nem seja possivel aos fortes, e menos ainda aos fracos, a abstenção e o recolhimento... Nada de romanticismos, nem desfalecimentos, nem divagações retoricas; hoje, mais do que nunca, entendo que os governantes devem exaltar a patria e despertar os sentimentos nacionais até ao mais alto grau».

Na imprensa o mesmo pensamento de actividade politica internacional se pronunciava. Um dos mais importantes jor-



nais publicou, e logo grande numero de outros o transcreveu, o seguinte conceituoso trecho:

«A guerra africana, por mais importante que seja, constitui apenas um incidente na nossa resistencia nacional; é essencial localisar as suas consequencias militares e tornar entre si independentes o problema militar africano e o problema militar espanhol».

Recentemente, a 4 de março de 1913, dizia mais terminantemente ainda o *Heraldo de Madrid*: — «A Espanha, já o dissemos ontem, têm de tomar partido por qualquer dos agrupamentos que se manifestam na Europa para assistir, ou seja mediante conversas das chancelarias, ou por outros meios conducentes ao mesmo fim, a uma nova delimitação geográfica do nosso Continente».

Favorecia tal modo de vêr o facto de haver sido encerrado o largo periodo de dissentimentos com a França, a que havia dado causa a questão da partilha de Marrocos, com a assinatura do convenio de 27 de novembro de 1912. Durante as respectivas negociações, a Inglaterra havia captado ainda mais vivamente as simpatias espanholas pela sua attitude conciliadora, desistindo de algumas das pretensões em que precedentemente se mostrara irreductível, e empregando as melhores diligencias para conseguir da França transigencias valiosas.

A imprensa inglêsa, ordinariamente circunspecta nos negocios da politica internacional, referiu na ocasião de que se trata a existencia de negociações para a celebração de uma aliança anglo-espanhola, cujas primeiras bases dizia *estarem firmadas de ha bastante tempo*. Era uma transparente alusão ao pacto de Cartagena, que ao deante se referirá.

A um jornalista, que então o entrevistou, o Presidente do Conselho de Ministros, que já era o sr. Conde de Romanones, declarou, porém, não ser exacta a noticia, pois que as alianças precisavam de preparação, e não podia o governo fazelas por si só, aguardando, por isso, a formação em Espanha de uma firme corrente de opinião para por ela se orientar, antes de tomar qualquer compromisso.

Os factos agora ocorridos demonstram a sinceridade de tal declaração, isto é, de que não existia uma aliança formal,



o que não quer dizer que se não estivesse esboçando ao tempo qualquer aproximação analoga a nova *Entente cordiale*. E tanto mais plausível se mostra esta hipótese quanto que áquella declaração se seguiu outra, com apparencias de reserva mental, semelhando destinada a atenuar de futuro a situação daquelle estadista, se os factos por ventura viessem a demonstrar a exactidão das asseverações dos periodicos ingleses.

Foi o caso de se apressar o sr. Conde de Romanones em acrescentar áquellas suas primeiras palavras a confissão de duvida, de que houvessem existido, anteriormente á sua entrada no governo, compromissos tomados sobre quaisquer bases de aliança, porque as questões de alta politica eram transmitidas pelos chefes dos governos aos seus successores, e o sr. Canalejas, tendo sido assassinado, nada lhe podéra transmitir. Demais, tanto os colaboradores daquelle homem de Estado, como os seus proprios, ignoravam a existencia de tais bases.

A restrição assim feita á primeira e terminante declaração tinha natureza especiosa, porque as questões de alta politica nas soluções de continuidade governativa não são apenas transmitidas pelos antecessores aos chefes das situações formadas de novo, podendo e devendo se-lo igualmente pelos Chefes dos Estados, que em país algum se conservam alheios ás graves questões internacionais, que eles proprios, por vezes, tratam com os soberanos estrangeiros, embora com o conselho e sob a responsabilidade dos seus ministros, nos países onde vigora o regime parlamentar. A morte do sr. Canalejas não bastava, portanto, para desculpar a alegada ignorancia do sr. Conde de Romanones.

A verdadeira explicação de tão formal negativa estaria, talvez, na indispensabilidade, que as mais das vezes existe, de manter por algum tempo o sigilo, não só sobre pactos já formulados, mas ainda sobre as negociações que os antecedem, se aquelles ou estas podem afectar os interesses e paixões de terceiros.

Quando na imprensa inglesa se fez allusão a negociações pendentes, destinadas á celebração de uma aliança anglo-espanhola, o *Daily Mail* mandou a Madrid um enviado especial com o fim de investigar a verdade, que podia haver naquella noticia. Esse enviado buscou ser recebido pelo chefe do governo, não obstante já serem então conhecidas as declarações



precedentemente referidas, o qual concedeu a audiencia solicitada e fez sobre o assunto a seguinte explanação, que a imprensa europeia reproduziu.

«Atendendo a que para qualquer lado que nos voltemos se vê as nações aumentarem os seus efectivos, a Espanha não pode deixar de fazer o mesmo e começou já a tratar da sua realização. E digo-lhe isto para que saiba que estamos em via de nos tornarmos uma força apreciavel, e para mostrarmos áqueles a quem dermos a nossa amisade, que não é um fraco que lh'a oferece.

«Até agora temos vivido isolados, amigos de todos, sem inimidades para ninguem; mas de um momento para o outro póde surgir a necessidade de uma aliança. Para que lado nos inclinaremos?

«E' um caso delicado. Não obstante em nosso espirito precisa-se um facto: não esquecemos que o nosso primeiro dever, em qualquer caso, é dirigir os negocios de maneira a conservarmos-nos sempre nos melhores termos de amisade com a França, nossa visinha por terra, e com a Inglaterra, nossa principal visinha pelo mar.

«Nada deverá perturbar as nossas boas relações com estas duas amigas».

Corroborando logo estas palavras do sr. Conde de Romanes, o embaixador espanhol em Paris, Sr. Maquês de Villa Urrutia, ao entregar, nos fins de março de 1913, as suas credenciais ao Presidente da Republica Francêsa disse na sua alocução:

«Povos do Mediterraneo, por toda a parte visinhos, a França e a Hespanha estão destinadas pelas necessidades geograficas e pela comunidade de interesses, a serem sempre e em toda a parte cordealmente amigas».

Sabendo-se que os discursos pronunciados no acto da recepção dos embaixadores são previamente conhecidos e autorizados pelos governos, as palavras que ficam transcritas esclarecem e corroboram as do sr. Conde de Romanones.

Mas, se quaisquer duvidas ainda existissem acerca da orientação politica então dominante nas altas esferas governamentais,



um facto havia ocorrido, pouco tempo antes de pronunciadas as declarações referidas, que maior relevo e clareza ainda lhes dava.

Efectivamente, sem qualquer anuncio previo, chegára a Madrid o coronel M. Sheeley, que na Inglaterra exercia então o cargo de ministro da guerra, sendo logo recebido, no dia 3 de janeiro, pelo Presidente do Conselho, que lhe ofertou um jantar, que teve por exclusivos convivas, além do dono da casa e do homenageado, os ministros da guerra e estrangeiros espanhóis e o ministro plenipotenciário inglês. A qualidade dos convidados seria já de si eloquente, se não houvesse ainda a acrescentar, que o ministro da guerra espanhol se havia apresado a visitar previamente o colega inglês, logo que ele chegou a Madrid, com o qual teve uma longa e cordeal entrevista. Desta mesma natureza foi ainda a conversa mantida entre os convivas daquele jantar, que as noticias dos jornais afirmaram haver sido demorada, prolongando-se bastante depois de terminado o banquete.

Mais ainda. No dia 4, de manhã, recebeu o Rei D. Afonso o Coronel M. Sheeley, com o qual igualmente teve longa e cordeal entrevista, segundo a imprensa afirmou.

A' noite partiu o ministro da guerra inglês para Paris, sendo despedido na estação da linha ferrea pelo sr. general Echague, chefe da casa militar do Rei, que representava o soberano, pelos ministros da guerra e dos estrangeiros espanhóis e pelo pessoal da legação inglesa.

Como acontecimento natural, sem que mostrasse ter ligação com a visita referida, noticiava a *Correspondencia de España*, no dia 6, que o orçamento do ministerio da guerra sofrêra grandes alterações, e que, quanto ao da marinha, teria o aumento de oitenta milhões de pesetas, a fim de fazer face á construção de uma segunda esquadra.

Em contraposição, porém, com as deduções, que naturalmente se deviam tirar de tais noticias, o sr. Conde de Romanones insistia em dizer aos jornalistas, que o assediavam com perguntas, no dia em que banqueteara M. Seeley, que nenhum fundamento tinham os boatos, que attribuiam fim politico á visita do ministro inglês, e que este emprêndera a viagem unicamente como turista.

Esta mesma negativa reproduziu no dia 7, com a adicional



de serem tambem inexactos os boatos, que então corriam, de ter a Italia feito á Espanha propostas de aliança, que esta regeitára.

Tambem, em 1913, quando o então ministro da guerra inglês M. Haldane partiu subitamente de Londres para a Alemanha, se quiz explicar essa viagem como tendo um fim de ordem academica inteiramente pessoal, mas não tardou que os factos e as proprias confissões de natureza official houvessem revelado que ela tivera por causa procurar um campo de conciliação para os graves dissentimentos, que já então se manifestavam entre aquele Imperio e a Inglaterra, havendo a tentativa falhado inteiramente.

As excepcionais provas de consideração prestadas nas regiões officiais espanholas ao ministro da guerra inglês, e as conferencias por ele realizadas, não são actos ordinariamente dispensados a simples turistas, como se pretendeu fazer crêr o era M. Sheeley. Turista verdadeiramente excentrico ele o teria sido, porquanto toda a sua actividade, durante a breve estancia no país visinho, se limitou a assistir ao banquete, que lhe foi dado pelo chefe do governo, a realizar as conferencias citadas, a visitar a Armaria Real e a assistir no Aerodromo militar ás evoluções feitas pelo Infante D. Afonso e General Marina.

Findo o que recolheu imediatamente a Londres, sem haver visitado sequer o Museu, ou outra das maravilhas da arte e da natureza, que abundam no reino visinho. Extraordinario turista!

A gravidade do assunto parecia não se compadecer com a ideia de o aproveitar para formular *bromas*, como não póde deixar de ser considerada aquela pretendida explicação da visita do ministro inglês a Madrid. Como dizia a cachopa na dolora de Campoamor, para que o namorado a entendesse bem, seria caso para repetir agora:

### *Haced la letra clara, señor cura*

Isto é, tratava-se por certo da sequencia de negociações sobre uma aliança ou simples *Entente* anglo-espanhola, a que teve por fim desfazer quaisquer atritos a viagem de M. Sheeley. Se os factos ocorridos nos ultimos tempos tiram qualquer duvida sobre o estado de finalidade de tal pacto no momento



referido, não bastam para autorizar, porém, a negativa de negociações mais ou menos adiantadas com esse mesmo propósito.

E não foi somente a chegada inopinada a Madrid do ministro da guerra inglês, que contribuiu para tomarem corpo os boatos, que então persistiam em dar como bastante adiantadas as negociações para a conclusão de um tratado de aliança anglo-franco-espanhol, o qual faria entrar decididamente a Espanha na esfera da influencia da *Triple-Entente*.

O largo periodo de dissentimento com a França, a que havia dado causa a questão da partilha de Marrocos, parecia definitivamente encerrado, na verdade, com a assinatura do convenio franco-espanhol de 27 de novembro de 1912, nas negociações do qual a Inglaterra desempenhara, como já ficou dito, uma missão conciliadora e eficaz. Para que assim fosse compreendido pelas chancelarias, foi resolvida a visita a Paris de D. Afonso XIII, a qual se realizou em maio de 1913.

Mas, antes dela se efectuar, já a imprensa procurava preparar a opinião no sentido do acto ser por esta acolhido com o aplauso e significação desejados. O *Heraldo de Madrid* punha francamente a questão da conveniencia de uma aproximação internacional nos termos, que textualmente reproduzimos:

«España, ya lo decíamos ayer, tiene que tomar partido en una cualquiera de las agrupaciones que se manifiestan en Europa, para asistir, ya sea mediante conversaciones concillerescas, ya sea por otros medios conducentes al mismo fin, á una nueva delimitación geográfica de varias naciones de nuestro Continente».

No parecer do jornal citado, a aproximação desejada não devia ser encarada somente na contingencia de uma guerra, que no momento parecia afastada, mas ainda sob o ponto de vista de — «conquistar clientela para os interesses nacionais, de ampliar a esfera activa das industrias e de lhes conquistar novos mercados, de ampliar a produtividade fabril e agricola, e de tudo o mais quanto devia merecer interesse ao país, coordenado com as demais aspirações da competencia das chancelarias referentes ás eventualidades de ordem politica —».



Falando por este modo, o *Heraldo*, ao pensar na necessidade da Espanha se não conservar estranha aos agrupamentos acordados por pactos internacionais entre grandes potencias, mirava exclusivamente á conveniencia de uma previsão moral, que se tornasse fiadora dos interesses do país e salvaguarda dos respectivos direitos, para o caso em que o podessem alcançar as consequencias da hostilidade armada entre nações, as quais não podiam ser indiferentes á Espanha. As simples garantias consignadas no Convenio de 27 de novembro de 1912 considerava-as insuficientes, e por isso lhe não parecia — «desatinado, ni mucho menos, el proposito de que se dirija nuestra actividad diplomatica á buscar contraseguros para nuestro porvenir».

Ao tempo em que assim falava o orgão liberal, ventilava o assunto ainda com maior clareza a *Correspondencia militar*, de Madrid, que sempre tem buscado exprimir nas suas colunas a opinião dos meios militares. Uma vez que o tratado franco-espanhol estava concluido, declarava este jornal, a politica exterior da Espanha devia basear-se inteiramente na amizade franco-inglesa. Este parecer tornava-se tanto mais importante, quanto que tem sido nas fileiras do exercito espanhol que a aproximação da Alemanha tem encontrado sempre mais dedicados propugnadores.

Mas a questão posta pelo *Heraldo de Madrid* generalizou-se, tendo alguns dos mais notaveis homens publicos apresentado na imprensa os seus pareceres. Abriu a lista o antigo ministro Sanchez de Toca, considerado estadista do partido liberal, recordando que, na Conferencia de Berlin, de 1885, já Bismarck havia advertido que — «provavelmente, os mais graves conflictos, que poderiam advir para o equilibrio europeu, surgiriam da expansão das potencias na Africa» —. O acerto de tal vaticinio demonstrava-se ao vêr como as incidencias de Marrocos se haviam repercutido na Tripolitana e na Cirenaica e destas regiões para os Balkans.

Seguidamente, rememorando ainda que o Presidente do Gabinete britanico declarára perante o parlamento, que as batalhas de Lule-Burgas e Kirkilisse haviam produzido no equilibrio interno da Europa maiores efeitos do que a batalha de Austerlitz, acrescentou lavrar o presentimento de que para a futura politica internacional da Europa na Asia, aquelas batalhas



trariam consequências tão transcendentais, pelo menos, como as que havia produzido a batalha de Farsalia no mundo antigo.

Para aquele estadista espanhol tais pronúncios eram demonstrações de que — «se iniciava um novo período temeroso, durante o qual cada soberania haveria de se acomodar, conformando-se com as indeclináveis necessidades da vida, que nada consentem de imutável nas relações dos povos e obrigam a adaptar as mutuações de soberania aos tempos e empresas, os tratados ás circunstancias, os sistemas aos factos»; e impunha á política internacional a condição de arte empirica e sciencia dinâmica de contrapesos, que se regula pela mudança da fortuna nos Imperios e o crescimento ou decadencia da potencia dos Estados, *sacrificando os nacionalismos nela as suas paixões da vespera aos interesses do dia de amanhã e os odios do passado ás conveniencias do presente*».

Era já transparente esta alusão. A necessidade que se oferecia á Espanha de esquecer os agravos historicos, que registava da França e da Inglaterra, resalta das palavras que deixamos transcriptas em italico, que mais evidentes se tornarão ao deante. Mas não ficou circumscripta a tais palavras a sustentação da tése emitida.

Mais ainda do que anteriormente a 1492, continuou o sr. Sanchez de Toca, se encontrava do outro lado do Estreito a chave dos destinos da soberania de uma nação, que assentada sobre o estribo europeu constitui a Espanha. Dentro do seculo xx a soberania nacional solarenga da Peninsula Iberica encontraria na Africa a Europa inteira. Mas longe de encontrar nessa nova aproximação da Europa fados fatidicos das complicação do imperialismo continental, que no seculo xvi collocou a Espanha em contradição com a Europa inteira, a Peninsula poderia ser, pelo contrario, o laço de união e coincidência com os principais interesses europeus. Bastava para isso que lhe assistisse a elemental prudencia politica, que nos negocios do Estado olha além do momento presente, considerando que, não obstante a actualidade representar bem pouco, é o presente que produz o futuro e determina os supremos destinos das nações. Aplicando essas elementares prudencias á politica internacional das questões africanas, a soberania da Peninsula Iberica deveria representar chave de concordia e



garantia do equilibrio, actuando para a Europa, com o fim de internacionalizar a acção civilisadora sobre esse continente, que ressurgia para a vida da Historia.

As vicissitudes do processo internacional do problema marroquino, durante os ultimos dez anos, pareciam haver tido a eficacia de produzir nos governantes espanhois a plena comprovação de que o país não podia continuar no isolamento em que tinha vivido até ali. Pelo menos, haviam feito reconhecer que a Espanha necessitava de entrar no concerto internacional com um plano de vida propria e sistema de relações e de compromissos bilaterais para a realizar.

Para esse fim convinha que a Peninsula inteira tivesse a mesma politica exterior, o que seria permessa de incalculavel valor para todas as demais soluções.— «O fenomeno estranho da incomunicação secular em que hão vivido as duas nações irmãs da Peninsula derivava, principalmente, da sua diferenciação em politica internacional. Por isso, o quadro geografico, com tão precisa demarcação de fronteiras naturais, subsistia sem as conexões espirituais da grande politica unitaria de uma grande patria, que produziu na Europa tão fecundas federações ou fusões de soberania» —. Efectivamente, nada separa tanto os nacionalismos irmãos como as divergencias na politica exterior; e na era contemporanea esse divorcio entre povos geograficamente mancomunados era conjuntamente a maior rémora para o seu respectivo desenvolvimento interno.

Que se não houvesse tirado dos factos, em que para a Espanha lhe havia sido posto o problema africano, outro proveito que não fosse o de servir de motivo para o reconhecimento da necessidade de que a Peninsula inteira coincidissem na mesma politica de alianças, isso só bastaria para considerar o momento como uma grande efeméride nos anais patrios.

Os povos não escolhiam a politica que queriam no regime internacional porque uma multidão de factores lha impõem, acrescentou ainda o estadista aludido. A geografia era o factor mais soberano na imposição da politica exterior. Ora a propria geografia estava dizendo á Espanha, mais claramente do que a qualquer outro nacionalismo, qual era a politica a seguir.

Desde que haviam começado as conversas diplomaticas



sobre Africa tudo a estava a advertir, com crescentes exigencias de necessidade inexcusavel, que á Peninsula inteira se impunham as mesmas alianças fundamentais, devendo as duas nações irmãs mancomunar-se em tudo quanto representasse acção na Africa e na America.

Aludindo depois á França, reconheceu o preopinante que o Convenio, que com ela acabava de ser assinado, relativo a Marrocos, não permitia tornal-a como eixo dos movimentos em assuntos de politica internacional. Importava, comtudo, empregar todos os esforços mutuos para — «procurar desvanecer quanto antes as frias neves de susceptibilidade, que haviam ficado fluctuantes sobre as relações com aquele país, em consequencia de lamentaveis incidencias ocorridas desde a conferencia de Algeciras» —.

A Inglaterra, pelo contrario, representava em grau incomparavel a soma das condições primarias, que aconselham as grandes alianças ajustadas ás finalidades cardinais da politica internacional. Nenhuma nação superava á Inglaterra pelo alto senso politico do seu espirito nacional, o regime das suas instituições, e como nucleo de potencia soberana, firme, seguro e consistente para assentar sobre garantias de fixidez, consequencia e lealdade de conducta tudo quanto implica um Tratado de aliança. E, simultaneamente, a proeminencia das posições geograficas, economicas e estrategicas, que representa o patrimonio territorial da Peninsula, assistidas, amparadas e mancomunadas com a potencialidade britanica, tomavam valorização insuperavel para deter as ambições desenfreadas, impoliticas, agressivas e perturbadoras da ordem interna das soberanias e da paz geral conveniente á manutenção do equilibrio europeu. Com nenhuma outra nação, em suma, se mostravam os interesses espanhois tão coincidentes e mutuamente harmonicos e complementares para um concerto singular que, beneficiando ao mesmo tempo as duas partes contratantes, correspondesse, tambem, ás mais altas conveniencias do interesse geral da Europa. De quão diferente maneira teria liquidado a Peninsula a ultima centuria se, a partir da guerra da Independencia, ela houvesse mantido a sua politica internacional centralizada sobre essa aliança!

Como promenor, que não pode ser considerado de todo insignificante, deve dizer-se que, interrogado o Presidente do



Conselho de Ministros ácerca da entrevista, cujo extracto acaba de ser feito, respondêra sucintamente, segundo afirmou o proprio *Herald*, — «que não tinha character officioso, e que lhe era muito agradável que as pessoas de mentalidade do illustre ex-ministro e os jornais dedicassem tanta atenção ao estudo do problema das alianças».

M. Jaurés, anos atrás, dirigindo-se em sessão da Camara dos Deputados a M. Clemenceau, então ministro, disse para lhe exprobar o velamento da sua expressão: *Monsieur le ministre, ne parlez pas academicien, parlez français.*» Equivalente objurgatoria poderiam ter dirigido os interlocutores do sr. Conde de Romanones quando, á pergunta que lhe haviam dirigido, este lhes respondeu pelo modo que fica exarado. Não foi tal resposta, comtudo, tão diplomaticamente velada, que não possa dela deduzir-se, que aquele estadista não teria prazer igual ao que disse sentir, se o sr. Sanchez de Toca houvesse sustentado outra ordem de ideias manifestamente hostile ás então reinantes nas altas esferas governativas.

Devemos confessar que fomos um pouco mais longos na transcrição das ideias apresentadas pelo ex-ministro sr. Sanchez de Toca, não sómente porque elas o mereciam, dada a alta representação e o respeitado conceito que este estadista tem na alta sociedade politica espanhola, mas porque condensam bem o sentir dos que comungavam nas ideias defendidas de uma aproximação politica com a Inglaterra.

Mais conciso, por certo, foi o chefe do partido reformista, sr. Melquiades Alvarez, o qual, interrogado na mesma epoca sobre a debatida questão das alianças, respondeu:

«Sou partidario decedido de uma aliança com a França e a Inglaterra. E' a minha opinião pessoal e é a opinião do meu partido.

«Seria conveniente a neutralidade, mas não é possível. A participação da Espanha na politica da Europa é uma coisa que não depende da nossa vontade, mas que está condicionada pelas exigencias dessa mesma politica.

«No isolamento ha inumeros perigos: desde as represalias economicas até aos atentados contra a integridade do territorio nacional. Se se declarasse a guerra entre os grupos de potencias rivais em que aparece dividida a Europa, não só as



nossas ilhas Baleares e Canarias, mas até os portos da Península, necessarios como bases navais, seriam ocupados sem hesitação, com caracter temporario ou definitivo, pelos beligerantes.

«A aliança anglo-franco-espanhola ser-nos-ia a melhor garantia contra este perigo. E esta aliança exerceria aliás uma influencia benefica na nossa politica interior. O tipo de cultura e os costumes politicos da França e da Inglaterra correspondem aos ideais democraticos, que o partido reformista representa em Espanha. Tudo o que for estreitar as relações dos nossos governos com os de ambos aqueles países contribuirá para operar como que a transfusão daquele espirito na nossa patria.

«Entendo que em caso algum a Espanha deve pôr o seu exercito ao serviço da França em territorio europeu. Julgo, porém, que podemos facultar-lhe os nossos portos do Mediterraneo e do Atlantico, a passagem das suas tropas da Argelia para a metropole, toda a cooperação possivel menos a acção belica das nossas tropas em territorio francês».

Um dos mais considerados membros do partido republicano o sr. D. Rodrigo Soriano, já falecido, sendo igualmente interrogado ácerca da conveniencia de uma aliança, e depois de salvaguardar a opinião dos seus correligionarios, respondeu, que antes do erro que havia levado o país a Marrocos teria sido partidario da neutralidade, mas, com o problema nos termos em que estava posto, entendia necessaria a aliança com a França.

«Porque a nossa situação com a França em Marrocos, acrescentou, é de tal indole, que de futuro nos não será dado senão estar com ela ou contra ela. Os governos franceses julgaram haver-nos feito um donativo, mas a titulo oneroso. O preço de tal donativo, expresso ou tacito, é essa aliança, que implica uma colaboração militar no caso de guerra franco-alemã. Se a não contrairmos, o governo francês julgar-se-ha defraudado. E parece-me desnecessario dizer que procurará suscitar na nossa zona marroquina toda a especie de conflitos, tornando impossivel a vida normal da Espanha».



O partido conservador continuou a guardar, porém, aquela prudente reserva de que lhe havia dado a norma o seu antigo chefe Canovas del Castillo quando, em 1891, era Presidente do Conselho.

Sendo ao tempo interrogado, em S. Sebastião, sobre a situação da Espanha, no caso de se declarar uma guerra europeia, respondeu esse estadista nos seguintes termos:

«Nesse caso a Espanha não quererá nada de ninguém: nem atacar a ninguém, nem prejudicar a ninguém, nem sequer terá interesse em que fique humilhada tal nação e triunfante tal outra. A Espanha desejaria guardar uma estricte neutralidade, mas se os mares se cobrirem de navios que pelejem, e os campos se transformarem em acampamentos e se encherem de milhões de homens, que combatam, quem póde dizer o que será das neutralidades passivas da Suissa, da Belgica, da Espanha e dos demais povos, que a pretendam guardar?»

«Sim, a Espanha quer a neutralidade, mas não uma neutralidade passiva, que a encontre desarmada com uma mulher e debil como uma creança; a nossa atitude, a atitude da Espanha ha de ser de neutralidade defensiva, e já se sabe o que esta situação representa: muitas vezes para defender é preciso atacar, ou, pelo menos, estar disposto para o fazer, e embora, repito, a Espanha não pense em atacar ninguém, nem tomar nada a ninguém, é preciso que a sua situação seja de atitude defensiva a fim de que, se as circunstancias nos obrigarem a atacar, possamos conservar essa mesma neutralidade.

«Bem sei que as nossas forças, comparadas com os milhões de homens que, em um dado momento, podem pôr em campo a França, a Alemanha, a Russia e outras nações, não são grandes, mas, também não somos, ou, pelo menos, não devemos ser tão grão de areia, que não estejamos em situação de sustentar os nossos direitos e a nossa honra nacional».

Foi esta mesma atitude enigmatica a que o partido conservador continuou a sustentar quando, em 1913, foi debatida a questão das alianças. O que se não manifestou, nesse partido, porém, foi o repudio da orientação, que havia levado outrora Canovas del Castillo a uma aproximação dos imperios centrais. Perante a manifestação geral da opinião favoravel á



aliança com a França e com a Inglaterra, e, sobretudo, perante as exigencias da politica marroquina, os conservadores não se atreveram a contraria-la, mas não restava duvida de que no espirito de varios dos seus dirigentes se mantinha viva a simpatia pela Alemanha e pela Austria.

Claros, precisos e ousados foram os jaimistas, os quais pelo verbo eloquente do sr. Vasquez Mella, nas sessões do Congresso de 2 de maio e de 6 de junho, não duvidaram sustentar ser a aliança mais conveniente com a Alemanha, não sómente porque a grandeza da Espanha dependia da sua autonomia geografica, mas porque o seu futuro estava na America e não em Marrocos.

Esta opinião contrária, como fica evidenciado, á dos partidos liberais não obstou, comtudo, á partida do Rei D. Afonso XIII para Paris, em maio de 1913, sendo o soberano recebido com as mais calorosas manifestações de apreço e de estima naquela capital, e sendo geral no reino visinho, tambem, a grande satisfação por tão brilhante acolhimento. Esse movimento de aproximação foi depois completado, em outubro do mesmo ano, com a visita do Presidente Poincaré a Madrid, onde o acolhimento, que lhe foi feito, em nada desmereceu do ocorrido em Paris.

Nos jantares officiaes realizados: no Elizeu, na viagem do Rei, e em Cartagena, na do Presidente da Republica, não se trocou uma unica palavra, porém, que confirmasse haver sido selada uma aliança entre as duas nações. Segundo a expressão de Afonso XIII, de nada se havia tratado senão de estabelecer — «um acordo nos espiritos e nos corações, um anelo de almas irmãs, uma necessidade irresistivel de logica, solidarizando os interesses dos dois povos numa colaboração fecunda».

Segundo as palavras do Presidente Poincaré, realizára-se apenas — «um acordo baseado nas afinidades hereditarias, na identidade das duas civilizações e culturas, na necessidade de desenvolver as relações economicas, na solidariedade das empresas africanas, finalmente, na igual dedicação pela paz universal».

Apezar de tais explicações, não faltou quem se convencesse existir acordo completo entre as duas nações, tanto mais que a representação da Inglaterra nas festas de Cartagena se pres-



tava a fazer crêr que a Espanha, quando não houvesse aderido de facto á *Triple Entente*, o havia feito virtualmente. Mas a verdade é que se não descobriu qualquer prova do facto, tanto mais que, nem das conversações particulares do Rei com o Presidente da Republica, nem das do Presidente do Conselho espanhol sr. Conde de Romanones com o ministro dos estrangeiros francês M. Pichon, nada transpirou jamais.

O que parece mais certo, em vista dos acontecimentos posteriores, é que nas conferencias daqueles chefes de Estado os assuntos contravertidos fossem essencialmente os do equilibrio mediterrânico e o do acordo na acção dos dois países em Marrocos.

O primeiro deles havia ficado assentado nas Convenções de 16 de maio de 1907, mas é natural que voltasse á tela da discussão para que os seus efeitos melhor se avigorassem. São pouco conhecidos esses diplomas, e por isso não será inoportuno reproduzi-los, visto constituírem uma das bases em que se firma a politica internacional espanhola, porque lhe afirma a intangibilidade do cubiçado arquipelago das Baleares. O inicial, que é a nota francesa daquela data, dirigida ao governo de Madrid, é do teor seguinte:

«Animado do desejo de contribuir por todos os meios possíveis para a conservação da paz, e convencido de que a manutenção do «*statu quo*» territorial e a dos direitos da França e da Espanha no Mediterraneo e na parte do Atlantico que banha as costas da Europa e da Africa, deve servir eficazmente para alcançar esse fim, sendo este proveitoso para ambas as nações, unidas tambem por uma amisade secular e pela comunidade de interesses:

«O Governo da Republica Francêsa deseja dar conhecimento ao Governo de Sua Magestade Catolica da declaração cujo teor segue, com a firme esperanza de que ela contribuirá não só para afirmar a boa inteligencia, que felizmente existe entre os dois Governos, mas para tambem servir a causa da paz:

«A politica geral do Governo da Republica Francêsa nas regiões supraindicadas tem por fim a manutenção do «*statu quo*» territorial, e conforme com esta politica este governo está firmemente resolvido a conservar intactos os direitos da Repu-



blica Francêsa nas suas possessões insulares e marítimas situadas nas ditas regiões.

«No caso de se produzirem novas circunstancias que, segundo a opinião do Governo da Republica Francêsa, sejam de natureza ou para modificar ou para contribuir para modificar o «statu quo» territorial actual, este governo entrará em comunicação com o Governo de Sua Magestade Catolica a fim de habilitar os dois Governos para se acordarem, quando assim se torne necessario, ácerca das medidas a adoptar em comum».

Nota identica a esta foi dirigida na mesma data pelo governo francês ao da Grã-Bretanha.

A Espanha e a Inglaterra responderam, tambem, em termos identicos ao governo francês, no referido mês e ano, trocando-se ainda uma nota igual entre a Inglaterra e a Espanha com as mesmas declarações.

O acordo, consequentemente, ficou estabelecido entre os três governos com o mesmo character de reciprocidade, e por virtude dêle o «statu quo» territorial — «nas possessões insulares e marítimas» — que pertencem á França, Inglaterra e Espanha — «no Mediterraneo e na parte do Atlantico que banha as costas da Europa e da Africa» — não póde ser modificado sem o concerto das três potencias.

O que se não conhece é quais sejam os compromissos militares, que naturalmente devem existir, para afirmar a sanção de tal acordo, sendo possivel que sobre tal ponto hajam sido trocadas quaisquer estipulações nas aludidas conferencias de Paris e Cartagena, quer entre os chefes dos Estados, quer entre os estadistas de quem eles se fizeram acompanhar. Que esses compromissos existem não deve ser posto em duvida, dada a insistencia que o governo espanhol sempre tem mostrado, desde as conferencias de Cartagena de 1907, em desenvolver tanto o seu poder militar como o poder naval.

A situação de neutralidade adoptada pela Italia, depois de declarada a actual guerra, atenuou consideravelmente a gravidade da questão do Mediterraneo, e foi ela quem permitiu por certo á Espanha o poder seguir a politica aparentemente indefinida em que se tem mantido desde o inicio da guerra actual, a qual contrariá notavelmente as tendencias francófilas, e so-



bretudo anglófilas, que reinavam até ao momento em que se desencadeou o conflicto, que há oito longos meses aflige não sómente as nações combatentes, mas ainda as neutrais.

Porque vai já longo o presente artigo, temos de adiar a narrativa desta aparente flutuação, que sofreu nos ultimos tempos a orientação da politica internacional no reino visinho.

#### GENERAL MORAES SARMENTO.





## EM TORNO DUM PROBLEMA TACTICO

---

Em vespera de prestar as suas provas no exame para ascender ao posto de major, um amigo, remeteu-me os seguintes *Temas tacticos*, pedindo-me que lhe enviasse a minha solução.

O caso terminaria assim, sem interesse de maior, se, por comum acordo, não houvessemos recorrido para a autoridade dum graduado e consideradissimo censor, que levou a sua gentileza a criticar a solução proposta e abrir sobre ela a mais ampla discussão! . . .

Esse desenfadado e instrutivo cavaco de velhos companheiros, exaltou e muito o valor inicial do meu trabalho e induziu-me a da-los á estampa, conscio de que algum auxilio ele póde prestar aos meus novos camaradas.

Pesa-me, sob maneira, que uma excessiva modestia da parte do meu amabilissimo censor, o obstinasse em manter-se num incognito irreductivel, mas que eu não sei, se a sua prosa e os seus pontos de vista—por de mais vulgarizados entre os estudiosos do nosso exercito—não bastarão a contrariar-lhe o proposito encobridor. . . .

Paciencia . . . e remetam'o-nos ao assunto :

### **Tema geral**

(a resolver sobre as *Cartas* do C. E. M.<sup>or</sup> n.º14-20-21-26 e 32).

Forças do Partido azul intercetam em *Cheleiros* e *Odrinhas* as estradas *Pero Pinheiro-Mafra* e *Cintra-Ericeira*.

O Partido vermelho avança em diferentes colunas pela zona do litoral da península de *Torres Vedras* sobre *Lisboa*.



## **Tema particular**

Um destacamento do P. vermelho (dois bat. de inf.<sup>a</sup>, uma sec. de metralhadoras, uma batr. de art.<sup>a</sup> T. R., um esq. e um hospital de sangue) que em 20 de maio atinge as proximidades da *Ericeira*, é mandado seguir para o S., afim de repelir as forças do P. azul que encontrar a N. da *Serra de Cintra*.

### **Exercicio de marcha**

O destacamento do P. vermelho que estaciona dispondo a cavalaria e duas comp. de inf.<sup>a</sup> em serviço de segurança pelas alturas da *Fonte Boa*, vigiando as passagens do *Safarujo*, e as restantes forças em estacionamento mixto no *Seixal* a leste da *Ericeira*, recebe ordem, ás 21 h. do dia 20 de maio, para proseguir na marcha para o S. na manhã de 21, seguindo a estrada *Ericeira-Terrugem-Cintra*, a fim de cumprir a missão de que foi encarregado.

### **Exercicios de combate**

A's 5.<sup>h</sup> e 30.<sup>m</sup> de 21 de maio, patrulhas de cavalaria do destacamento vermelho passam *Pobral* e o comandante do destacamento tem então conhecimento de que forças do P. azul, protegidas pelo seu serviço de segurança, se encontram proximo de *Odrinhas*.

#### **Pede-se :**

—O destacamento vermelho ataca o azul, reconhece que este lhe é inferior em duas comp. de inf.<sup>a</sup> e que não dispõe de metralhadoras e consegue repeli-lo da posição.

—O oficial que resolver o problema como comandante do destacamento, comanda tambem o batalhão que fornecer o serviço de segurança.



## Solução

### I

#### Considerações prévias ou Análise da situação

Do *Seixal* (estacionamento mixto do destacamento do P. vermelho) a *Odrinhas* (presumido estacionamento do destacamento do P. azul) medem-se (directamente pela ponte de *N.ª S.ª do Porto*) uns 10<sup>k</sup>. apenas.

Por hipótese, o destacamento azul mantem-se em atitude defensiva e, por consequencia, não tenho que considerar a possibilidade—tentadora para ele—de fazer durante a noite de 20/21 um avanço de pouco mais de 7<sup>k</sup>. para se apoderar da *Carvoeira* (1)<sup>1</sup> colocando-se deste modo nas melhores condições de me disputar o avanço para o S., defendendo a frente natural de protecção que lhe asseguraria o *Safarujo*. Verdade seja que se o ilustre preponente do Tema desejasse que eu previsse esta hipótese, liberdade me teria deixado, consequentemente, para ocupar a testa de ponte—*Carvoeira*—com, por exemplo, trez pel. de cav.<sup>a</sup> um pel. de inf. e até mesmo com a sec. de metralhadoras.

No *Exercício de marcha* ordena-se-me; «Que marche para o S., na manhã de 21, seguindo a estrada *Ericeira-Terrugem-Cintra*».

Terei que dar a volta pela *Ericeira* ou poderei descer, directamente, pelo *Casalinho*, á ponte de *N.ª S.ª do Porto*?

Pergunta a fazer ao juri em acto de exame, tanto mais que seguindo esta carreteira é necessario manda-la reconhecer sob o ponto de vista de viabilidade para artilharia e viaturas pesadas do trem regimental (2). Do simples exame da *Carta* se depreende que, na segunda metade do seu percurso a contar do *Casalinho*, ela tem, durante 400.<sup>m</sup>, uma inclinação media superior a 17 ‰, chegando (entre as curvas de 70 e 60 apenas separadas 2<sup>mm</sup>.) a atingir 25 ‰, circumstancia que, só por si, nos diz ser difficil o transito da artilharia e impossivel o das

<sup>1</sup> Os diversos algarismos metidos entre parenteces, indicam o n.º e ordem serial das *Observações criticas* feitas á *Solução* proposta.



viaturas pesadas, quando entregues aos seus proprios recursos.

A marcha pela *Ericeira* (3) obriga a um rodeio superior a 4<sup>k</sup>. e a manter os postos avançados de infantaria em posição durante uma hora e meia.

Por estas razões inclino-me a que a resposta seria :

—Que fizesse marchar o destacamento pela carreteira em questão ; e que o trem regimental, servido pela escolta privada, reforçada por alguns cavaleiros e tudo sob o comando dum official do esquadrão, o fizesse seguir pela *Ericeira*.

Um dado importante do *Exercicio de marcha* é a determinação da *hora de partida*. Porém, desde que no *Exercicio de combate* se me diz: «que ás 5<sup>h</sup>,30.<sup>m</sup> de 21 as patrulhas de cavalaria passam Pobral», encontrada está a base dos calculos consequentes.

O extremo S. da povoação do *Pobral* fica a 2.200 ou 2.300 metros da *Carvoeira*. Ora, se é importante que o grosso da cavalaria assegure o desembocar da coluna da ponte de *N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Porto* e se, por outro lado, importa que os elementos de segurança (patrulhas de exploração) o antecedam duns 3.<sup>k</sup>, pelo menos, vê-se que o esquadrão deverá estar em expectativa (4) na *Carvoeira*, das 5<sup>h</sup>,20<sup>m</sup> ás 5<sup>k</sup>,35<sup>m</sup>.

Aceitando que 1 kil. deva separar o grosso da cavalaria da guarda avançada de flecha da infantaria, ás 5<sup>k</sup>,35<sup>m</sup> deve tal flecha estar transpondo a ponte de *N. S.<sup>a</sup> do Porto* (5) para o que basta que inicie a marcha 21<sup>m</sup> antes ou, em numeros redondos, ás 5<sup>k</sup>,35<sup>m</sup>. Por consequencia, é sufficiente que a cavalaria parta ás 5<sup>h</sup>, o que póde fazer com comodidade e bastante luz, dando a alvorada ás 4<sup>h</sup>,30<sup>m</sup>, isto é, já sol fóra. Com efeito em fins de maio o sol nasce ás 4<sup>h</sup>.

Posto isto, pelas *Ordens e Instruções* que se seguem, se vê como traduzo em factos, os raciocinios que acabo de fazer e como faço, disponho e prevejo a distribuição das tropas, a constituição da coluna e ás suas protecção e segurança.



## II

**Ordens e Instruções****1.º—Ordem de marcha (do cmd.te do dest.)**

Partido vermelho (6)

Estacionamento mixto (7) *Seixal*, 20-5.º-914

... Divisão

às 21<sup>h</sup> 45<sup>m</sup>

Destacamento mixto n.º 1

N.º...

**ORDEM DE MARCHA**

para 21

**Distribuição das tropas**  
(8)— *Guarda avançada* :— 1.º/cav. X (menos as escoltas do Q.<sup>el</sup> G.<sup>al</sup> e trem reg.<sup>tal</sup> e elementos de segurança).— 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>/II/inf. A (9).

— Sec. de metra.

— Comd.<sup>te</sup>

major F...

— *Grosso* :— 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>/II/inf. A— 1.<sup>a</sup>/art. B (10)

— I/inf. A

— *Guarda da retaguarda* :3.º pel./4.<sup>a</sup>/I/inf. A (10)**I—Situação.** Forças do P. azul interce- tam em *Cheleiros* e *Odrinhas* as estradas de *Pero Pinheiro-Mafra* e *Cintra-Ericeira*.As nossas tropas continuam o seu avanço, em diferentes colunas, pela zona do litoral da península de *Torres Vedras* sobre *Lisboa*.**II—Fim.** O destacamento vai proseguir na marcha para o S. a fim de repelir as forças do P. azul que encontrar a N. da *Serra de Cintra*.**III—Disposições :**A) — *Cavalaria* — Patrulhas de exploração são lançadas nas direcções gerais de marcha :— *Carvoeira-Baleia-S. Julião-Açafora-S. João das Lampas-Terrugem*, etc... (11) e— *Carvoeira* — (itinerario seguido pelo grosso do destacamento)... (12)B) — *Itinerario* = *Casalinho-N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Porto - Carvoeira - Terrugem - Cintra* (13)

C) <i>Horas de partida</i> .	}	Cav.....	5 <sup>h</sup>
		G. avanç.....	5,25 <sup>m</sup> (14)
		Testa do grosso	5,39
		Batr.....	5,42 (15)
		I/inf. A .....	5,45 (16)
	}	T. de comba- te .....	5,50
G. da ret. ....		5,53	



D) *Altos*—O 1.º alto horario terá lugar ás 6<sup>h</sup>,31<sup>m</sup> (17)

E) *Levantamento dos postos avançados*— A tempo de poderem encorporar-se na cauda da coluna á passagem desta (ás 6<sup>h</sup>,3<sup>m</sup>) na ponte de *N.ª Sr.ª do Porto* (18)

F) *Estacionamento*—Oportunamente se designará (19)

G) *Alimentação*—Pelo trem regimental.

H) *Trem regimental*—Achar-se-á formado na estrada *Seixal-Ericeira*, testa no cruzamento desta estrada com a carreteira que leva á *Fonte Bôa* (proximo da cota 123). Romperá a marcha ás 6<sup>h</sup> seguindo a estrada *Seixal-Ericeira - Carvoeira*, povoação esta que não ultrapassará até nova ordem (20).

É-lhe fornecida uma escolta de cavalaria.

IV—**Local do comando.** Marcho na testa do grosso da guarda avançada.

O comd.<sup>te</sup> do destacamento  
F...  
(posto)

Transmitida, por escrito, aos comandantes das diversas unidades e chefes de serviço, a estes na parte que lhes interessar.

### *Observações á Ordem supra*

1.º—Em vez de a expedir ás 21<sup>h</sup>,45<sup>m</sup> poderia dá-la ás 4<sup>h</sup>,30<sup>m</sup> de 21, no intuito de colher as ultimas noticias do inimigo e as possiveis alterações á *Ordem para a marcha* vinda do Q.<sup>el</sup> general do P. vermelho.

A proceder assim, não haveria necessidade de anteceder a *Ordem* de qualquer *Aviso*, pois que a hora da alvorada se não antecipava e a esse tempo *todos* deveriam estar prontos a pegar em armas.

2.º—Da *Situação—Fim—Itinerario e Hora de partida* do destacamento,



informaria também o comandante da coluna que seguisse pela estrada *Mafra-Cheleiros-Pero Pinheiro*.

3.º — *Instruções* seriam dadas ao comandante da g. avançada para que no seu trem de combate se contassem: Um cavalo porta-cartuchos a dorso do esq. (R. T. cav.<sup>a</sup> *Instruções para o uso de carabina*, n.º . . .) as quatro muaras de munições do grupo de companhias, o carro de ferramentas do esq. e mais os carros de munições e ferramentas do II bat. (22).

## 2.º — Instruções para a cavalaria

Partido vermelho (6) Estacionamento mixto (7) *Seixal*, 20-5.º-914  
 . . . Divisão ás 21h 45m  
 Destacamento mixto n.º 1

N.º . . .

## INSTRUÇÕES PARA A CAVALARIA

para 21 (marcha)

I — O esquadrão rompendo do seu acantonamento ás 5h de 21, achar-se-á na *Carvoeira*, ás 5h,20m, em expectativa, não devendo a esta hora a sua linha de observação ultrapassar para o S. a frente *Barril de Cima* (23) — *Palheiros* — cabeça (136) 200m ao N. do *Pobral*.

II — Deixará, além da escolta do Q.<sup>el</sup> G.<sup>al</sup>, oito (8) cavaleiros comandados por um subalterno para escoltarem o T. regimental.

III — *Patrulhas de exploração serão enviadas:*

a) A n.º 1 — na direcção geral *Palheiros-Pisco*  $\Delta$ -*A do Longo* e que ás 5h,30m deve ter transposto a *ribeira do Falcão* para subir ao *Pisco*  $\Delta$ .

— Informará se *Alvarinhas* está ou não ocupada pelo inimigo e denunciárá os movimentos, qualidade e quantidade de tropas adversas que se desloquem entre *Alvarinhos* e *Odrinhas*.

— Posteriormente, informar-me-á ácerca de qualquer movimento de tropas entre as estradas de *Terrugem-Odrinhas* e *Terrugem-S. João das Lampas*, inclusivé.

— *Dou a maior importancia ao serviço desta patrulha.*

b) A n.º 2, na direcção geral, estrada itinerario do grosso do destacamento. Ultrapassará o *Pobral* ás 5h,30m.

— Procurará reconhecer, pelo N. e E., as povoações de *Alvarinhas*, *Funchal*, *Odrinhas*, e, posteriormente, a zona de terreno, ao N. da linha *Terrugem-Bugalho*  $\Delta$ , entre a estrada *Odrinhas-Terrugem*, inclusivé e a *ribeira da Gargantada*, inclusivé.

c) A n.º 3, continuará garantindo a ligação com a nossa coluna (23 A) que avança pela estrada *Mafra-Cheleiros-Rero Pinheiro*.



IV—As patrulhas de exploração, enviarão, de hora a hora, a partir das 6<sup>h</sup>, 31<sup>m</sup>, inclusivé, as suas informações, ainda mesmo as negativas.

O comd.<sup>te</sup> do destacamento

F...

(posto)

3.º—**Ordem de marcha** (ao comd.<sup>te</sup> da g. avanç.)

Partido vermelho } (24) Estacionamento mixto (25) *Seixal* 21-5.º-914  
... Divisão } ás 5<sup>h</sup>

Destacamento mixto n.º...

1.º/cav. X

1.ª e 2.ª/II/inf. A

sec. de metras.

N.º 1

## ORDEM DE MARCHA

para 21

### Distribuição das tropas

—*Flecha de cav.<sup>a</sup>*

8 cavaleiros, comandados por um subalterno (26)

—*Grosso da cav.<sup>a</sup> da g. avanç.*

1.º/reg. X

(menos as escoltas do Q.<sup>el</sup> G.<sup>al</sup> e T. R., as patrulhas de exploração e de flanco e a flecha) (27)

—*Flecha de inf.<sup>a</sup>*

1.ª sec. do 1.º pel/1.ª/II/inf.

A comd.<sup>te</sup> um subalterno (26)

—*Extrema g. avanç.*

1.º e 2.º pel/1.ª/II/inf. A

I—**Situação.** (O que consta da *Ordem de marcha* do destacamento (29) e mais): O destacamento continua a marcha para o S., com a missão de repelir as forças do P. azul que se encontrarem ao N. da *Serra de Cintra*.

II—**Fim.** As forças (30) sob as minhas ordens constituem a g. avançada do destacamento mixto.

### III—Disposições:

A) *A cavalaria*—Além da exploração imediata (31) da estrada de marcha, proverá ao flanqueamento a que se refere a alinea E deste art. O grosso do esq. procurará manter-se a 1<sup>k</sup> de distancia da flecha do esq.

B) *Itinerario*—*Seixal-N.ª S.ª do Porto-Alvarinhas-Odrinhas...*

C) <i>Horas de partida</i> ..	Cav. (32)	5 <sup>h</sup>
	Flecha de inf.	5,15 <sup>m</sup>
	Extrema g. avanç.	5,18
	Grosso da g. avanç.	5,25
	T. de combate (33)	5,27



(menos a flecha) (28)  
comd.<sup>te</sup> cap. F.

— *Grosso da g. avanç.*  
— 3.º pel. da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>/II/inf.  
A sec. metrs.

D) *Hora do 1.º alto* . . . . . 6h,31<sup>m</sup>

E) *Precauções a tomar nos flancos* (34).  
A partir da *Carvoeira* (às 5h,20<sup>m</sup>)  
o grosso do esq. lançará patrulhas  
(três cavaleiros e um graduado):

a) *Para o flanco direito* :

- a 1.<sup>a</sup>—que seguirá o itinerario  
*Carvoeira-Baleia-Palheiros*, onde  
permanecerá até ao escoamento  
total da coluna (6h,50<sup>m</sup>)  
unindo depois ao esq.
- a 2.<sup>a</sup>—sairá no *M.º do Avô*  $\Delta^*$ -  
*Lage*—vinha a 1<sup>k</sup> a S. E. do  
cruzeiro de *Açáfora-cabeço* (174)  
da *Amoreira*, onde deixará es-  
côar a coluna e reunirá depois  
ao esq.

b) *Para o flanco esquerdo* :

- a 1.<sup>a</sup>, seguirá *Carvoeira-Urzel-  
Monte d'Ouro-Vila Fria-Val-  
verde-Carvalho-Funchal*, pro-  
curando manter-se na altura da  
flecha de cav.<sup>a</sup> da guarda avan-  
çada (35) até ao *Funchal*, onde  
aguardará o escoamento total da  
coluna, recolhendo depois ao  
esq.
- a 2.<sup>a</sup> — *Alvarinhas-Barreira-Ce-  
bola* . . .

F) *Trem de combate* (o do esq., do gru-  
po de comp.<sup>as</sup> e da sec. de metr.)  
é reforçado por um dos carros de  
munições e pelo de ferramentas do  
II/inf. A. (36)

IV—**Local do comando.** Marcho na testa  
do grosso da g. avançada.

O comandante da g. avançada  
F . . .  
(posto)

Transmitida, por escrito, ao  
comd.<sup>te</sup> do esq. (na parte



que interessa á cav.<sup>a</sup>) e verbalmente nos cond.<sup>tes</sup> das comp.<sup>as</sup>, sec. de metralhadoras esergento ajudante do II/inf.<sup>a</sup>/A.

### III

## Exercicio de combate

### A) Preliminares

#### 1.º—Interferencia da cavalaria

A patr. de exploração n.º 2, depois de ter repellido uma pequena patr. de cavalaria azul, descobre (do *Seixal*  $\Delta^*$ , 147) que umas outras permanessem em observação no *M.º do Arneiro* (c. 155) e, mais para o nascente (27) em *Serrados*. Informa o comd. do esq., ás 5<sup>h</sup>,30<sup>m</sup>, noticia esta que chega ao seu destino (a 2.300<sup>m</sup>) ás 5<sup>h</sup>,36<sup>m</sup><sup>1</sup>.

O comd. da cav. informa, por seu turno (38) o comandante da g. avançada, e, num lance de 9<sup>m</sup> de trote, chega com o esq. á altura da fonte do *Pobral*. Corre ao *Seixal*  $\Delta^*$ , onde a flecha se tem mantido em observação (39); lança-a sobre *Arneiro*. As patr. de cav. do P. azul retiram dos seus pontos de observação (*Arneiro* e *Serradas*) sob a acção das nossas patr. e flecha, que assinalam a presença do grosso da cav. contrária na parte ocidental do planalto do *M.º do Avô*  $\Delta^*$

Assim protegido o esq. vermelho (reduzido a um pouco menos de trez pelotões) avança, em *linha aberta*, ao poente (37) da estrada itineraria, direcção geral *Arneiro*—*St.<sup>a</sup> Suzana*.

Desembocando da portela do *Tojal dos Poços* a cav. azul (2 pel.) prepara para a carga, que por fim recusa, retirando sobre o *C. d'Além*, onde se empenha num combate pelo fogo.

Emquanto alguns atiradores da cavalaria vermelha respondem ao tiroteio partido do *C. d'Além*, patrs. de exploração são

<sup>1</sup> Aplicando a formula :

$$E (\text{encontro}) = \frac{D (\text{distancia})}{V + V' (\text{velocidades na unidade minuto})}$$

$$\text{Assim } E = \frac{2.300}{80 + 300} = 6^m$$



lançadas do *M.º do Avô*  $\Delta^*$  para o S. e recebidas a tiro por uma linha de vedeta definida pelos pontos: *M.º de Lage*—outeiro (144) junto á estrada principal e (132) sobre a carreteira que da fonte do *Tojal dos Poços* leva aos moinhos (154) 240<sup>m</sup> a N. de *Alvarinhas*.

Estes reconhecimentos dão, grosso modo, o contorno da *linha de vigilancia* do P. azul na zona entre as ribeiras do *Safarjuo* e do *Falcão*, cujo desenvolvimento (1.600 a 2.000 metros) exige o emprego de uma a duas comp. de inf.<sup>a</sup>. Os postos principais é natural que se encontrem estabelecidos ao abrigo dos cabeços (137 e 154) respectivamente a 600<sup>m</sup> a N. O. e 500<sup>m</sup> a N. de *Alvarinhas*. A reserva destes postos avançados (uma nova comp.) estará, é de esperar, em *Alvarinhas*.

Tal é a serie de deduções que, a essa hora (6<sup>h</sup>,5<sup>m</sup>) o comd.<sup>te</sup> da cav. vermelha é autorizado a tirar.

De momento para este oficial, trata-se: de ganhar tempo até á chegada da sua infantaria da guarda avançada; de obstar ás investigações da cav. azul; e de manter, enquanto poder, a crista (ponto dominante *M.º do Avô*) encobrendo pelo *movimento* a escacez das suas forças. Dada a attitude pouco aggressiva de cav. e a imobilidade da inf.<sup>a</sup> do P. azul, a missão afigura-se-lhe mais do que possivel, muito provavel, ainda que hajam de decorrer uns 25<sup>m</sup> antes que os elementos mais avançados da inf. vermelha o possam apoiar.

São 6<sup>h</sup>,5<sup>m</sup>.

Entretanto e por esse tempo a patr. de exploração n.º 1, avançando com a velocidade media de 6<sup>k</sup> á hora (40) ja deve ter atingido uma posição favoravel donde, verosimilmente, podesse expedir a seguinte participação.

*Destacamento mixto n.º*  
1.º | cav. X.  
Patrulhas de exploração n.º 1.

Outeiro (145) 1.800<sup>m</sup> a  
O. de *Alvarinhas*  
(41), 21-5-914 ás  
6.<sup>h</sup>

N.º 1

#### Ao comd.<sup>te</sup> do destacamento

A povoação de *Alvarinhas* está occupada por inf.<sup>a</sup> cuja força não posso precisar (42) mas que avalio numa comp. Ha postos de inf.<sup>a</sup> nos moinhos de



*Alvarinhas* e na crista que se prolonga para O. e nos *moinhos da Lage*; e de cav.<sup>a</sup>; mais dum pel., no *C. d' Alem.*

Num canal a 600<sup>m</sup> ao S. do ponto onde observo está um p. á cossaca de cav.<sup>a</sup>

Ha mais de dez minutos que sinto tiroteio para o oriente (37 e 43).

Pelo dizer dum habitante — que nos é affecto e que as vedetas ini. feriram com um tiro num braço — de 20/21 de maio um bat. e uma batr. pernottaram em *Odrinhas*.

Vou levar-me mais para o S. sobre *Amoreira*.

O comd.<sup>te</sup> da patr. de exp. n.º 1

F. . .

Alf.<sup>s</sup>

Esta minuciosa e feliz participação, dirigida pelo *Zambujal* deveria chegar a *Tojal dos Poços*, 11 a 12 minutos depois (44).

Uma segunda participação desta patrulha (expedida ás 6<sup>h</sup>,30<sup>m</sup> do outeiro (174) 200<sup>m</sup> a L. da *Amoreira*) e as da patr. de exploração n.º 2 — menos afortunada do que a n.º 1 — bastariam para repôr (46) a *situação geral* do destacamento do P. azul nos termos expressos no *Tema* (Exercicio de combate)

## 2.º — Chegada da infantaria

O comd.<sup>te</sup> do destacamento — (vermelho) — que marcha na testa do grosso da g. avançada (a 2<sup>k</sup> do grosso da cav.) — receberá, pois, a primeira informação expedida pelo comd.<sup>te</sup> de esq. (ás 5<sup>h</sup>,36<sup>m</sup>) ás 5<sup>h</sup>41 ou 42 minutos ( $E = \frac{2\ 000}{80+300}$ ) Vencendo, a 300<sup>m</sup> por minuto, em media (47) os 6<sup>k</sup> que o separam do ponto interessante (*M.º do Avô*) chegará (ele e o seu estado-maior — chefe de estado maior, comd.<sup>te</sup> de art, etc.) 20<sup>m</sup> depois.

A *situação* está esboçada pela cav., mas a flecha de inf. vem ainda pelo *Cabeço do Marco*  $\Delta$  e a testa do grosso 2 ou 3 centos de metros ao S. de *Carvoeira*.

Por ocasião do 1.º alto (6<sup>h</sup>,31<sup>m</sup>) a flecha da inf. terá alcançado as imediações do *Tojal dos Poços* e a cauda do grosso da g. avançada 200<sup>m</sup> ao S. do *Pobral*. Assim, ainda que suprima o alto horario, a g. avançada só poderá estar nas imediações do *M.º do Avô*, á 6<sup>h</sup>,48<sup>m</sup>, hora esta a que a testa do grosso, tendo já feito o alto horario, terá acabado de ultrapassar o *Pobral*. Portanto, contando com o tempo consumido em dis-



posições preliminares (distribuição suplementar de cartuchos, ditar da ordem. etc. . .) póde fixar-se o inicio da 1.<sup>a</sup> Fase do combate pelo fogo (acção da g. avançada do P. vermelho contra os postos avançados do P. azul) ahi pelas 7<sup>h</sup> (48).

### 3.º—O comandante do destacamento (vermelho) avalia a situação e toma as suas primeiras decisões

Chegado ao *M.º do Avô* pouco depois das 6<sup>h</sup>, o comandante do destacamento é informado, pessoalmente, pelo comandante da sua cav. Tira como este as mesmas deduções e julga até, pela configuração e valor militar do terreno, a possibilidade de que os postos principais adversos procurem resistir nas suas posições e retirem, em seguida, sobre a *posição de combate* do P. azul, a crista a poente (49) de *Alvarinhas* e o forte ponto de apoio que lhe facultam as edificações do povoado, sobre tudo na orla N.

E' por esse tempo que lhe chegam as primeiras noticias expedidas pela patr. de exploração n.º 1, depois do que a *situação* se define e aclara. Chama a si os comd.<sup>tes</sup> da art., cav. e bat.; expede ordem á g. avançada para suprimir o alto horario; e ao hospital de sangue para se estabelecer no *Pobral*.

Resolve intervir conforme se depreende da seguinte *Ordem de combate*, dada verbalmente, e que traduz as disposições iniciais, que no decorrer da acção completará segundo as circunstancias.

### 4.º — **Ordem de combate** (do comandante do destacamento)

Partido vermelho (6) *M.º do Avô*, 21-5.º-914 (50)  
 ... Divisão ás 6<sup>h</sup> 45<sup>m</sup>  
 Destacamento mixto n.º...

N.º...

### ORDEM DE COMBATE

1—**Situação.**—Um destacamento mixto do P. azul, em força inferior ao nosso (51) ocupa *Alvarinhas*, tendo a linha dos seus postos avançados de segurança na *Lage-M.ºs da Lage*—e outeiros: (144) nas imediações da estrada de marcha e (132) 900<sup>m</sup> ao N. de *Alvarinhas*.



As nossas tropas continuam no seu avanço.

II—**Fim.**—O destacamento vae atacar procurando envolver o flanco esquerdo azul (52) e repeli-lo para o S.

III—**Disposições:**

A)—*Infantaria:*

a) O II bat. (53) tendo como diretriz de ataque a estrada itineraria (53) do destacamento e uma vez repelidas as vedetas e pequenos postos azues. (54) tomará como 1.º objectivo o outeiro onde estão os moinhos 500<sup>m</sup> ao N. de *Alyarinhas*, inclusivé, e o lance de muro de pedra solta, que orla a carreteira balisada pelas cotas 137 e 133, entre a cota 133, inclusivé, e a estrada itineraria.

—*Garantirá o flanco esquerdo da linha de combate*

—Reservará ás minhas ordens um dos seus carros de munições.

b) Do I bat. as 1.ª e 2.ª comp. hão de seguir o II bat. a 500<sup>m</sup> de distancia. Direcção geral de ataque S.<sup>ta</sup> *Suzana*—o mais oriental (37) dos *M.ºs da Lage*—vertente L. de *Alvarinhas* Δ.

c) *Reserva*, 3.ª e 4.ª I inf. *A* e um carro de munições do II inf. *A*.

B)—*As metralhadoras*, até nova ordem acompanham o II inf. *A* (55)

C)—*Artilharia.*—Nas imediações do *M.º do Avô*, de modo a poder bater o saliente N. de *Alvarinhas* e desenfianço de *Alvarinhas* Δ e do morro pedregoso a O. de *Barreira*, presumiveis posições da art. contraria.

D)—*Cavalaria:*

a) O grosso do esq. manter-se-ha no flanco direito, de modo a vigiar o campo do combate e esclarecer, apoiar e explorar o ataque decisivo.

b) A vigilancia já existente no flanco esquerdo será reforçada por uma secção e tudo sob o comando dum official.

E)—*Hospital de sangue*—Já estabelecido no *Pobral*.

F)—*Trem de combate*—Sobre a estrada de marcha, testa na altura da casa da vinha, 140<sup>m</sup> ao N. de *Arneiro* (57).

G)—*Trem regimental*—Continua na *Carvoeira*.

IV—**Local do comando.**— Provisoriamente junto da art. (58).

Transmitida, verbal e directamente, aos comd.ºes da inf.ª, das metr., art. e cav., e, na parte que lhes interessa, aos chefes de serviço.

O comd.ºe do destacamento

F. . .  
(posto)

*Observação:*

Da *Situação* e das *Intenções* do comandante do destacamento seria dado conhecimento, por intermedio dum ciclista, ao Q.º general de que directamente dependesse, e tambem, por um official ás ordens, ao comd.ºe da coluna seguindo a estrada *Mafra-Cheleiros-Pero Pinheiro*.



Se este fosse o oficial general que houvesse expedido o destacamento mixto, a comunicação a fazer por meio dum ciclista era inoportuna.

### 5.º — **Ordem de combate** (do comandante do II/inf. A)

Partido vermelho	} (59)	M.º do Avô, 21-5.º-914
... Divisão		
Destamento mixto n.º...	(60)	
} II) inf. A		
} sec. de metra.		
	N.º 2	

## ORDEM DE COMBATE

I — **Situação** (o que consta dos art.ºs I e II da *Ordem de combate* do destacamento)<sup>1</sup> (61)

II — **Fim** (idem, das alíneas *a*) de A) do art.º III, idem)<sup>2</sup> (61)

### III — Disposições :

A) — A 1.ª comp., direcção geral de ataque *M.º da Cabeça* — outeiro de cota 137.

— 2.ª comp., » » » » *Cabeça-M.ºs de Alvarinhas*.

— *Cobre o flanco esq. do despositivo do bat.*

3.ª comp., segue a 1.ª. trsbordando-a no flanco direito.

4.ª comp., segue a 2.ª, » » » esquerdo e constitue a *reserva de sector* — Direcção inicial de marcha — fonte do *Tojal dos Poços* e outeiro (132)

### B) — *Metralhadoras* :

Tomam como direcção geral de marcha (em *coluna simples* elevando a 100 passos a distancia entre as metralhadoras e entre estas e as suas muars de baste e de reserva) a direcção de ataque da 2.ª comp. (62)

C) — *Trem de combate*. O carro de ferramentas segue, por lances, as deslocações da 1.ª comp. O das metralhadoras, como já ficou recomendado na alínea B.

D) — *Posto de socorro* — Fonte do *Tojal dos Poços*.

### IV — **Local do comando** — Provisoriamente junto da reserva de sector.

Transmitida, verbal e directamente, aos comd.ºes de comp.ª, sec. de metr. e sarg. ajud.ºe.

O comd.ºe do II Inf. A.

F...  
major

<sup>1</sup> Dá-se esta forma para não alongar o tomo deste trabalho. Na pratica haveria que repetir os dizeres a que me reporto.

<sup>2</sup> Ibidem.



B) — **Fazes possíveis do combate****PRIMEIRA**

(Ataque dos postos avançados do destacamento azul)

*P. azul:*

— A cav. abandona o *C. d'Além* e é constringida a retirar sobre o da *Lage*.

— As vedetas retiram, tiroteando (63) e acolhem-se á protecção dos pequenos postos (cotas 135, *M.ºs da Lage*, 144 junto á estrada e 132 sobre a carreteira fonte do *Tojal dos Poços-M.ºs de Alvarinhas*, 500<sup>m</sup> ao N. de *Alvarinhas*).

*P. vermelho:*

— A cav.<sup>a</sup> que se mascarara com o pinhal da *Corredoura* (152) ameaça, pelo *Porlete*, o flanco esquerdo da cav. contraria.

— As patr. de combate da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> (II) Inf. A (primitiva g. avançada) crescem sobre toda a frente e flancos da zona de combate confiada ao seu bat.

— A 2.<sup>a</sup>/II inicia o movimento de avanço: Partindo da *Cabeça*, lança o seu 1.<sup>o</sup> pl. em atiradores ao nascente da carreteira que segue paralela á estrada e 200<sup>m</sup> a L. dela e dispõe o 2.<sup>o</sup> e o 3.<sup>o</sup> pel.<sup>s</sup> em *coluna de sec. de costado por 4*, escalonados direita em frente, cobrindo o flanco esquerdo do dispositivo do bat.;

— A 1.<sup>a</sup>/II, quasi simultaneamente, cresce sobre o *M.º da Cabeça* (1.<sup>o</sup> pel., em atiradores, 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> em *coluna de sec. de costado por 4*, aquele, á retaguarda do flanco direito e este, do flanco esquerdo do 1.<sup>o</sup> pel.;

— O meio bat. da cauda (3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>/II) logo que tem 300<sup>m</sup> de distancia ao meio bat. de testa, segue-o (*em escalão de coluna de comp. d*



*P. Azul*

—O pequeno posto (144) cede terreno; o do *M.º da Lage* ameaçado pela cav. vermelha, retira precipitadamente;

—A cav. transpõe a ribeira *Falcão* e dirige-se sobre *Areias* onde se estabelece em expectativa (4);

—A art. (da encosta 300<sup>m</sup> a N. O. de *Barreira*) abre fogo sobre a inf. contraria que desce do *M.º do Avô* e que assoma ao *M.º de Cabeça*.

—O peq. posto (132) cede, retirando sobre os moinhos de *Alvarinhas* (154).

—Assim atacados bruscamente, os defensores dos *M.ºs de Alvarinhas* (154) retiram sobre o flanco direito da posição principal, protegidos pelo fogo dos que se empenham em manter-se na crista 133-137.

*P. Vermelho*

*estado, direita em frente e largamente intervaladas).*

A art. contrabate energicamente a contraria;

—Os atiradores do 1.º/2.ª/II e os competentes apoios (2.º e 3.º pel.) alcançam respectivamente o muro de pedra solta a 300<sup>m</sup> ao S. da *Cabeça* e a ravina intermedia;

Os do 1.º/1.ª atingem o *M.º da Cabeça* e a sua 4.ª esquadra (em colchete, frente á esquerda) concorrem com os seus fogos para quebrar, com rapidez, a resistencia dos defensores do outeiro (132).

—Ao atingir a crista do *M.º da Lage* o 1.º/1.ª tem um tempo de paragem, em virtude do fogo intenso partido da crista 133-137.

—Os 2.ºs pel. 1.ª e 2.ª reforçam, pela direita, os atiradores dos seus 1.ºs pel.ª

—O meio bat. da cauda e as metr. aproveitam a conquista de terreno feita pelo meio bat. da testa.



*P. Azul*

—A cav. (2 pel.) retira para o cabeço 400<sup>m</sup> de *Amoreira*, onde recorre de novo ao combate pelo fogo, para conter a cav. adversa ;

—Os progressos do II/ inf. A constringem á retirada (por pel. alternados) os defensores da crista 133 137, manobra que executam, vindo reformar-se a S. da crista 135-155, proximo do chafariz de *Alvarinhas*, ponto correspondente á extrema esquerda da posição principal do P. azul.

*P. Vermelho*

A cav. esclarecida pelas suas patr. de combate, desemboca do abrigo que lhe oferece o pequeno outeiro (102) 300<sup>m</sup> a O. dos *M.os da Lage* e, num lance de velocidade, sóbe ao planalto de *Areias*, pelo caminho *Azenha da Lage*—á cota 145.

**SEGUNDA FASE***(Ataque de preparação)*

—A intensidade do fogo da sua linha, indica que ela foi reforçada.

—A art. tendo dividido o seu esforço (uma divisão, contrabatendo a batr. contrária ; outra, visando a inf. ini.) lucha com dificuldade.

—Todo o I/ inf. A avança : o meio bat. da testa, ao abrigo da crista *M.º da Lage* ; o meio bat. da cauda (*reserva geral*) na ravina entre os *C.es d'Além* e da *Lage* ;

—As metralhadoras assomam as imediações dos *M.os de Alvarinhas* e tomam como objectivo das suas *rajadas* as frações do P. Azul que guarnecem as barricadas e trincheiras levantadas e cavadas á entrada N. de *Alvarinhas* e em torno da casa—a 100<sup>m</sup> a N. E. do povoado—que parece constituir o saliente da extrema ala direita azul.



*P. Azul*

O efeito de surpresa provocado pelas metralhadoras adversas é manifesto entre os defensores de *Alvarinhas*.

O comd<sup>te</sup> do destacamento avaliando a sua situação tática e reconhecendo a superioridade manifesta do P. vermelho, quer pela intervenção das metralhadoras, quer mesmo pela insistência com que a art. vermelha visa apenas a sua batr., constrangido esta a dividir o seu fogo, não espera que a lucta se empenhe mais a fundo e organisa a *manobra em retirada* (com a seguinte e prova-vel articulação);

— Duas das suas trez comp. disponiveis guarnecem o esporão (165) 500<sup>m</sup> a N. O. da *Barreira*, para facilitar a retirada de defensores de *Alvarinhas* e cobrir a artilharia que vae mudar de posição (por divisões) (64) para *Odrinhas*  $\Delta$ . — A ultima destas comp. marcha a organizar a posição de socorro no planalto de *Odrinhas* e a preparar a inutilisação da ponte e passarelas (65) sobre a ribeira do *Falcão*, ao N. de *Odrinhas*.

— A cav., no flanco direito, mais numerosa do que a do P. vermelho, deve repelir todas as tentativas de torneamento da sua contraria; — No flanco esquerdo um tanto inferior á do P. vermelho — manobrá de modo a demorar-lhe os progressos, mui perigosos neste momento de crise para o P. azul.

*P. Vermelho*

— A 3.<sup>a</sup>/II intercala o seu 1.<sup>o</sup> pel. na linha de atiradores;

— O I/ inf. A intervem na lucta com dois pel. em atiradores;

— As metralhadoras fazem algumas series de 25 tiros sobre a art. azul, depois do que recebem ordem para irem reunir-se á *reserva geral*, no *C. da Lage*.



**Concluindo :**

Cuido ter dado *uma* solução ao Problema tatico que nos ocupa.

O combate de *Alvarinhas* teve apenas duas fases: a dos *postos avançados* ou de *reconhecimento* e a de *preparação*, de que sómente apresentei a silhoeta do vulto que o P. vermelho procuraria dar-lhe e que a retirada voluntaria do P. azul tornou prescindivel.

Esta *manobra* mal a aponto nos seus topicos mais caracteristicos.

Lisbôa, 2 Setembro de 1914.

F. SÁ CHAVES

T. C.el de cav.



# EXERCITOS EM CAMPANHA

Major B. de L. diplomado do Estado Maior

## A BATALHA

### Estudo e desenvolvimento de uma batalha moderna

O estudo atual é o desenvolvimento normal de uma batalha, como foi travada antigamente (Imperio, tempos modernos) e ainda hoje se trava, pela razão simples da guerra se reger com regras imutáveis e que sempre serão seguidas. As operações que se desenvolvem sobre a grande linha de defesa, que cobre atualmente o solo da França e da Belgica, desde os Vosges ao mar do Norte, não podem ser consideradas como constituindo *a batalha*; é uma série sucessiva de batalhas sobre cada frente de combate, sobre cada parcela dessa frente e ainda desenvolvendo-se em condições muito particulares: *a guerra de trincheiras*.

Todo o conjunto de tropas em campanha, em marcha ou em estação, deve ser guardado, para a sua propria tranquillidade. A falta de protecção e de serviço de segurança foi-nos por vezes funesto, sobretudo em 1870.

Em marcha, as tropas são protegidas por guardas avançadas, que as precedem.

Em estação, são protegidas por postos avançados, que as cobrem. Daqui resulta, que durante o movimento d'avanzo, é o escalão da testa que primeiro entra em combate; o grosso da coluna que o segue, protegido pela guarda avançada, poderá continuar o seu avanço, tomar as suas disposições para o combate, acetal-o ou recusal-o, segundo as circunstancias.

Vamos por isso estudar a composição e a marcha do escalão da testa — *a guarda avançada* — assim como a sua entrada no campo de batalha.



### Missão da guarda avançada

As guardas avançadas teem em geral um efectivo que varia de  $\frac{1}{3}$  a  $\frac{1}{5}$  das forças que cobrem; isto não é porém, taxativo. Compreende-se facilmente que, segundo o fim que se deseja atingir e a missão que a coluna tem a desempenhar, as guardas avançadas podem ser fortes ou fracas.

Os alemães teem sempre, e em todos os casos, preconizado as guardas avançadas fortes; querem desde o principio conseguir a superioridade sobre o adversario; é esta uma teoria que tem muitos admiradores. Devemos, porém, reconhecer que muitas vezes é imprudente. Uma grande guarda avançada sentindo-se forte e com poder, tem tendencia para desde logo se envolver em combate; mas com ela envolve-se toda a coluna que a segue e se, mais tarde, o combate, por motivos especiais, tem de ser suspenso, difficil será fazer retirar da batalha as tropas que nela estão empenhadas!!! Muitas vezes tiveram ocasião de deplorar semelhantes iniciativas. . .

A guarda avançada deve ser constituida com todos os elementos necessarios á sua missão; deve ter o seu serviço de descoberta (aviões), o seu serviço de reconhecimento (cavalaria), as suas forças d'ocupação (infantaria), os seus engenhos de resistencia e d'ataque a grande distancia (artilharia).

Admite-se em principio que a artilharia deve ser numerosa nas guardas avançadas porque não empenha definitivamente a acção, visto que artilharia retira facilmente da linha de combate e pode dobrar á rétrguarda; emfim, no inicio do combate, pode tomar um ascendente sobre o adversario, com a probabilidade de o conservar para o futuro; em todos os casos occupará e defenderá posições ao depois preciosas no desenvolvimento da batalha.

Resulta, do exposto, que a guarda avançada compreende:

- 1.º—O serviço d'aviação, os ciclistas e motociclistas.
- 2.º—A cavalaria.
- 3.º—A infantaria.
- 4.º—A artilharia.
- 5.º—Secções de engenharia, equipagens de pontes, ambulancias, etc., etc.

Assim, possui tudo quanto lhe é necessario para, sem qual-



quer apoio, operar isoladamente, iniciando e conduzindo o combate.

### 1.<sup>a</sup> FASE

#### Combate da guarda avançada

O serviço dos aviões começou; informa, voando sobre as posições inimigas, quais os efectivos das colunas, a direcção da sua marcha e portanto d'ataque, a sua composição, a situação das baterias inimigas. . . , a maior parte das vezes, porém, este serviço poderá ser estorvado, ou pelo estado da atmosfera, ou pelo inimigo, que fará afastar ou abater os aviões; além disto, estas descobertas não constituem positivamente occupaões!

A *cavalaria*, lançada para a frente, precipitou-se sobre os pontos principais e ao mesmo tempo mais importantes do terreno do futuro combate; reconheceu-os e ocupou-os; fica pronta a defendel-os momentaneamente até á chegada da infantaria; actua com os seus fogos, carabinas, metralhadoras. . . ; completa as suas informações, aumenta-as e estabelece desde logo, para a frente da linha de combate e sobre as posições importantes, uma rede de defesa e d'ocupação propicia ao desenvolvimento da acção.

Mas, eis a *artilharia* que entra na linha de combate; avançando em andamentos rapidos sobre as posições já estudadas pelos officiaes que fizeram os reconhecimentos; as suas baterias estabelecem-se ao abrigo das vistas do inimigo, colocam-se á rétrguarda da crista, ligeiramente cobertas por espaldões, e aí permanecem quer em *posição d'espera*, quer em *posição de vigilancia*; entram em acção. Inutil é, porém, descobrir a sua presença, antes do momento oportuno.

Medem-se as distancias, preparam-se para a luta, instalam-se antes de começar o combate.

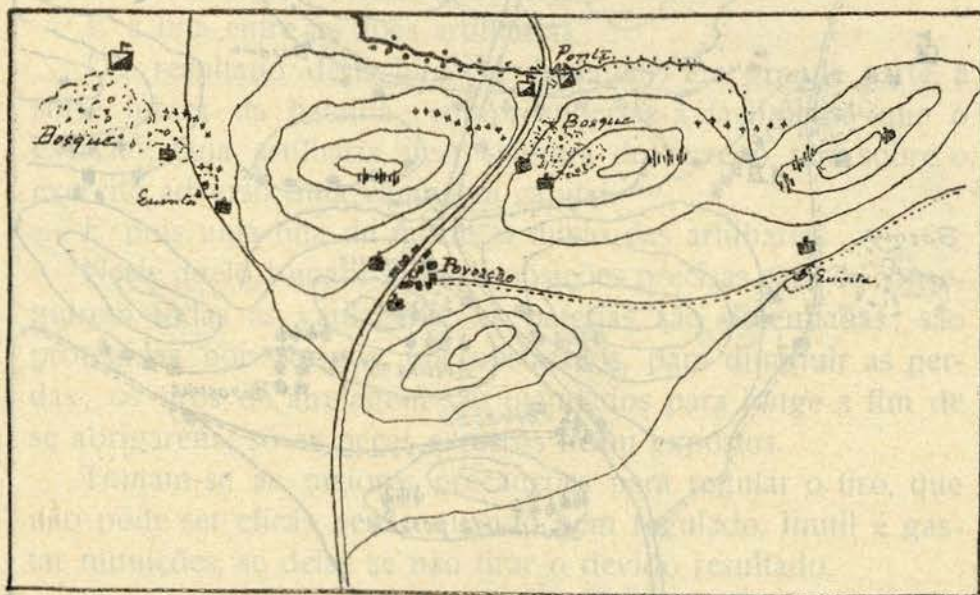
A *infantaria* avançou finalmente; os primeiros escalões lançam-se para a frente e constituem-se em protecção e apoio das baterias; cabe-lhes a defesa das peças em bateria.

As fracções desta infantaria dividem-se sobre o terreno; corre-se aos *pontos d'apoio*, ocupam-se as pequenas alturas, as quintas, as aldeias, tomam-se disposições para as defender contra o inimigo que avança, tambem com os mesmos dispositivos de combate.



A *engenharia* é chamada para proceder aos trabalhos d'importancia: organização da defesa d'uma aldeia, d'uma quinta, d'um bosque, construção d'um reducto numa certa altura, etc., etc.

Os *diversos serviços* tomam os seus logares; os postos de socorros, as ambulancias moveis. As secções de reabastecimento dirigem-se para os pontos mais convenientes. Cada um toma enfim o seu logar na batalha.



Ocupação do terreno da batalha pela guarda-avançada  
(Desde o início do combate)

O general comandante está no seu posto *desde o principio*. Vê, dirige, dá as suas ordens; o seu estado maior, que está junto dele, recebe essas ordens; são logo enviadas ás diferentes colunas que avançam, para evitar demoras, para indicar posições a tomar, para facilitar os movimentos.

*É o principio da batalha.*

## 2.<sup>a</sup> FASE

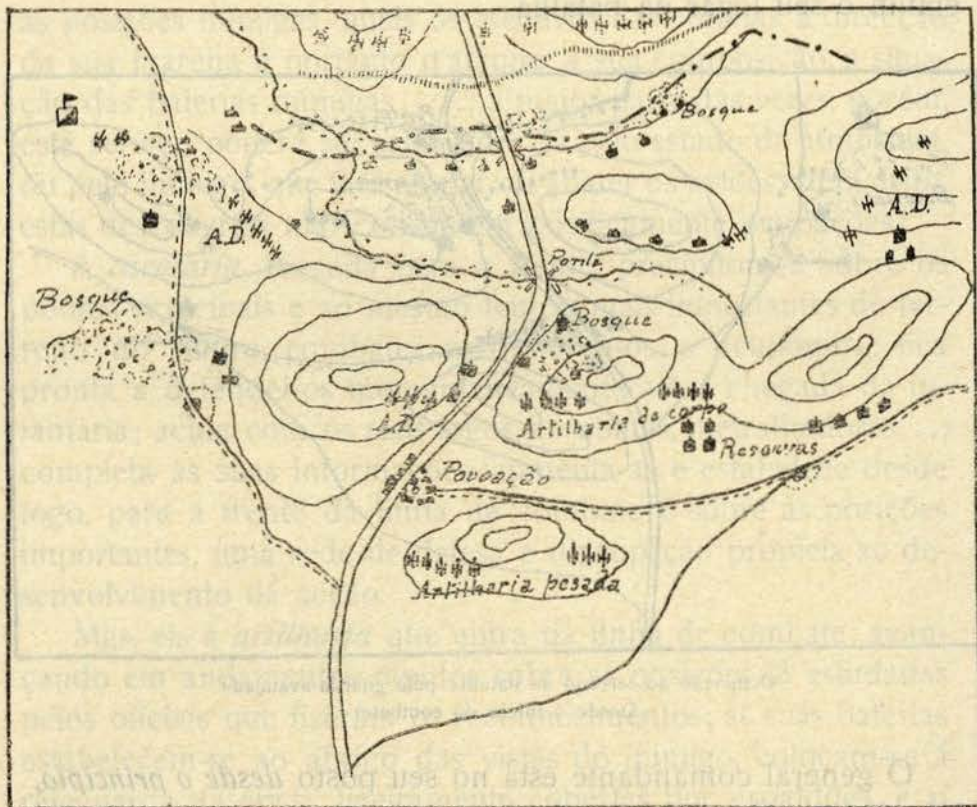
### A artilharia entra em acção

Decidiu-se dar batalha: o general dá as suas ordens em detalhe; chama os diversos chefes de serviço e das unidades, explica-lhes o seu plano; cada um se compenetra das ideias



do general comandante, e cada um vai, na sua esfera d'acção, trabalhar para o bom êxito da operação.

O mais importante, desde este momento, é a acção da artilharia, é necessario que a nossa tome a superioridade sobre a adversaria, que consiga o predomínio sobre ela, que prepare o caminho para o avanço da infantaria.



O duelo da artilharia

A artilharia é portanto chamada *em seguida*; avança em andamentos rapidos sobre as posições reconhecidas d'antemão por um estudo feito pelos officiais da arma. Para facilitar a sua chegada, deixam-se livres os caminhos; a infantaria espalha-se á direita e á esquerda pelos campos, os trens regimentais arredam-se.

A artilharia, sempre na testa das colunas, chega assim sem obstaculos e com rapidez; entra logo depois em acção.

A extensa linha de baterias, que se vai desenvolver, constitue como que o esqueleto da linha de batalha sobre o terreno da acção.



A artilharia divisionaria, colocada no sector das divisões, póde ocupar posições variando entre 2.800 a 3.500 metros das forças inimigas.

A artilharia de corpo colocada entre as divisões, quer no flanco quer na situação mais propicia, faz o mesmo.

A artilharia pesada, que necessariamente chegará um pouco tarde, toma as suas posições, bem deseniadas e entre 5.000-6.000-7.000 metros.

O duelo da artilharia vai começar.

E' a luta entre as duas artilharias.

Do resultado desta luta vai depender, em grande parte, a sorte futura da batalha; compreender-se-á facilmente que o exercito, cuja artilharia ficar senhora do terreno, terá sobre o exercito adverso uma vantagem capital.

E' pois uma luta de morte, o duelo das artilharias.

Neste duelo, tomam-se as disposições precisas para se conseguirem todas as vantagens; as baterias são deseniadas; são protegidas por abrigos, por obstaculos, para diminuir as perdas; os tiros de atrelagem são mandados para longe a fim de se abrigarem; só as peças e carros ficam expostos.

Tomam-se as maiores precauções para regular o tiro, que não póde ser eficás, senão quando bem regulado. Inutil é gastar munições, se delas se não tirar o devido resultado.

Organisam-se postos de observação para observar o tiro; officiais esclarecedores são enviados para a frente e ficam ligados á bateria pelo telefone, de maneira a poderem transmitir os resultados do fogo, fazer modificar a alça, emfim regular o tiro.

Cada bateria tem o seu objectivo: umas, e é o caso mais comum, sobretudo neste momento, devem contrabater a artilharia adversa, que se procura descobrir pelo sistema de reconhecimentos, aviões, esclarecedores, etc.

Outras tomam como objectivo as tropas inimigas, que tentam avançar e tomar posições; outras ainda apoiam a nossa infantaria no seu avanço.

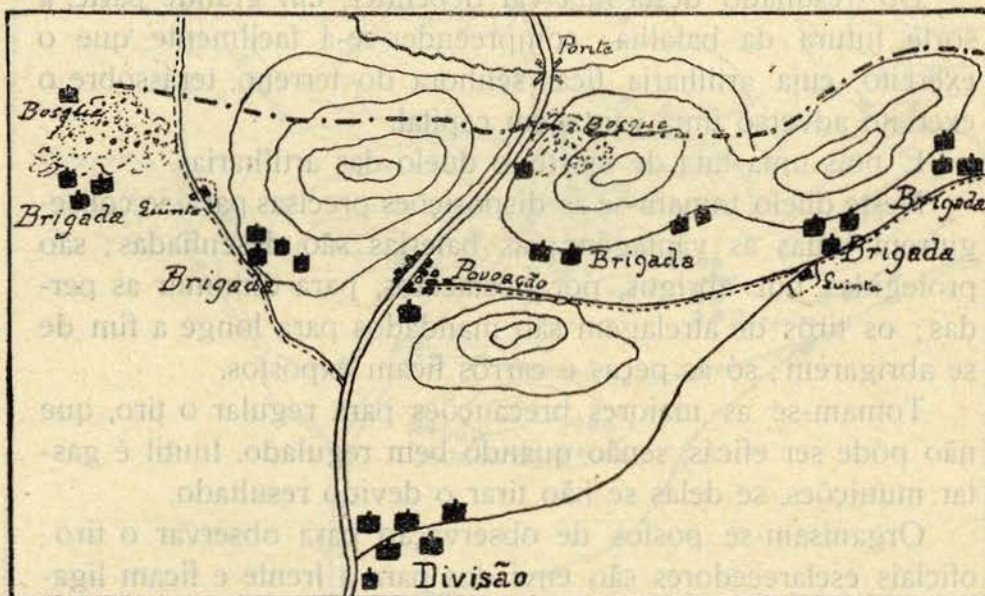
A luta é à *outrance*; se algumas baterias são fortemente dizimadas (admite-se que uma bateria póde continuar o fogo, em condições normais, com metade do seu efectivo), cessam fogo, mudam de posição, quando assim o julgam necessario, reconstituem-se com o pessoal de 2.<sup>a</sup> linha para re-



começar a luta; é preciso, custe o que custar, chegar ao resultado que se deseja obter.

Durante esta fase da luta, as nossas tropas de infantaria avançam; as colunas diminuem de profundidade ou unem-se umas ás outras, concentram-se.

Procuram-se, como de grande importancia, os sitios ou lugares abrigados; é indispensavel esconder-se das vistas dos aviões. Os bosques, as aldeias, as ravinas arborizadas são de preferencia escolhidos; tomam-se formações cerradas em face da ofensiva futura.



A coberto da guarda-avançada e durante o duelo da artilharia, as tropas concentram-se

Mas a luta da artilharia acabou, pelo menos de momento. A superioridade está afirmada; é porem preciso *consolidar os resultados obtidos*. A infantaria vai entrar em acção; com ela entramos na terceira fase da batalha.

### 3.<sup>a</sup> FASE

#### O ataque á posição

O general deu ordem para o ataque. Todos os chefes sabem o que ele quer e portanto cada um tem a sua linha de conduta traçada.

A infantaria avança, a principio em linha pouco densa, para



não ficar muito exposta aos fogos do inimigo; avança pouco a pouco, ocupa as posições já tomadas pelas tropas da guarda avançada, reforça a situação.

Nesta marcha para a frente, que é a operação mais delicada da batalha, trata-se sobretudo de evitar as perdas para chegar proximo da posição inimiga com o maior efectivo, o que é facil de compreender. Não é porem facil consegui-lo porque o adversario não fica inactivo. As suas baterias empenham-se novamente; abrem de novo os seus fogos...

Para chegar ao resultado que se deseja, cada um dos chefes das unidades procura dentro da zona de acção que lhe está confiada, dentro da *directiva dada*, os caminhos de acesso mais favoraveis; passa-se rapidamente duma a outra posição, por pequenas fracções, concentram-se a coberto... Daí a pouco avança-se, ganha-se terreno, eis o essencial.

Mas, dentro em breve impossivel é progredir assim; é necessario operar doutra maneira. A infantaria, tendo-se desenvolvido, rompeu fogo e é ao abrigo deste mesmo fogo que vai avançar. Tacticos experimentados recomendam que se não deve abrir o fogo muito cedo; em primeiro lugar porque torna o soldado nervoso, depois porque o fogo a grandes distancias só produz resultados minimos; enfim o consumo de munições, já de si muito elevado, aumentaria em proporções tais que o infante em breve não possuiria cartuchos em quantidade suficiente.

A linha de ataque está no entanto mais proxima; *adapta-se ao terreno* ora formando reintrantes, ora formando salientes, contudo avança-se; é o essencial.

A' medida que as perdas se vão dando, os reforços lançaram sucessivamente sobre a linha os efectivos necessarios; avança-se por lanços.

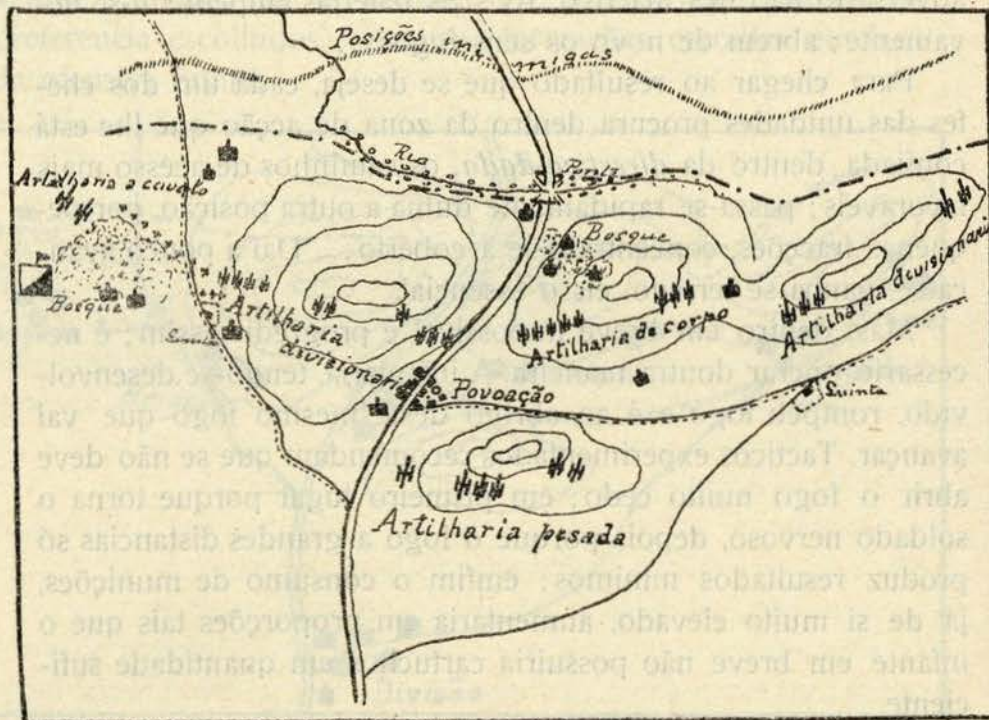
O nosso ataque chegou ao alcance eficás da posição inimiga; estamos apenas a 700-800 metros. Aperta-se o inimigo muito de perto, segura-se por assim dizer pelas guelas; fixamo-lo ao terreno, deixando-lhe a impressão nitida do assalto que se vai seguir.

Mas o inimigo pelo seu lado, não ficou inactivo; tambem reforçou as suas linhas, opoz ao ataque uma constante tenacidade: sofreu talvez menos perdas por estar mais abrigado do que as tropas do ataque; finalmente, em face do adversario,



conserva as suas posições. E esta luta sangrenta entre as duas linhas, quando terá fim?

O ataque não poderá assim prolongar-se por muito tempo; seria perigoso; então, ou se impulsiona o ataque e a posição é tomada, mas á custa de quantos perigos, de quantas perdas! ou se procura uma solução que produza a derrota do inimigo.



Ataque geral á posição inimiga

*Chegámos ao momento definitivo. A acção decisiva vai realizar-se.*

#### 4.ª FASE

### A acção decisiva

Chama-se *acção decisiva* á impulsão vigorosa, em um ponto da linha de batalha, de uma massa compacta de todas as tropas que, lançadas sobre esse ponto, quebram inevitavelmente a linha, abrem um caminho de acesso ás tropas assaltantes, separam em dois troços as forças inimigas, ou as sujeitam a ser esmagadas.

A decisão pode produzir-se no centro da linha de batalha



(tactica de Napoleão, tactica francêsa) ou pode produzir-se em uma ou em duas alas do inimigo (tactica de Moltke, tactica alemã).

E' o momento grave para o general em chefe!!! Onde irá ele dar o golpe decisivo?

Informado pelos seus subordinados que estão na linha de batalha e pelos officiaes do seu estado maior, compenetrando-se do lugar e do momento... dá a ordem para o assalto.

As tropas que o vão executar, concentradas, cobertas pelas linhas de ataque, avançam; nestes momentos não se olha ao numero de perdas mas sim ao resultado tão desejado, que vamos enfim atingir.

Auxiliadas pelas baterias que acompanham o ataque, as tropas avançam, sem fazer uso dos seus fogos, o que seria perder tempo; pouco lhes importa as baixas sofridas, avançam e a sua marcha repentina e bruscamente desmascarada, faz surgir o perigo ao inimigo.

Em toda a linha, a *linha geral*, o fogo redobrou de intensidade, fixa-se o adversario que não *póde* nem *deve* ir socorrer o ponto ameaçado.

Desenha-se o assalto das tropas de choque; as musicas soam e electrizam os soldados; os chefes na frente, e é esta a maior honra para o official, conduzem os seus soldados á luta corpo a corpo.

Viva a França! Para a frente! A' baioneta!

Soou este grito e toda a massa se lança a passo de carga.

Como uma torrente que rebenta um dique, a linha inimiga é destruida; o inimigo está já em fuga, se não tem a coragem de esperar a pé firme a impulsão do assalto.

E' a vitoria em *um ponto*, mas é a vitoria que se vai comunicar a toda a linha.

O inimigo tenta em vão o contra-ataque; começa a ceder terrêno *no ponto onde se deu a acção decisiva*; toda a linha vai seguir esse movimento.

E' a vitoria completa.

E agora a perseguição!



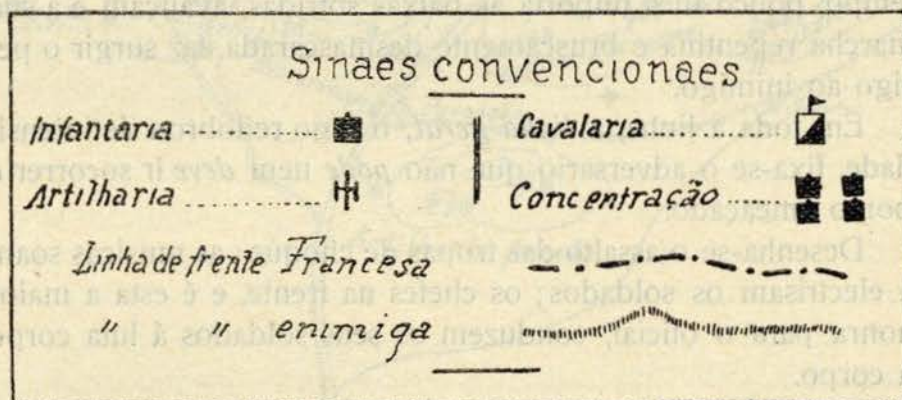
5.<sup>a</sup> FASE

## A perseguição

Faz-se geralmente no lugar do assalto e por meio de fogos; esmaga-se o adversario com fogos para o não deixar reconstituir; reorganizam-se os elementos necessariamente dispersos e misturados e assegura-se assim a vitoria.

A cavalaria entra agora em acção. Ficam á sua conta os retardatarios, os dispersos, os isolados, os comboios abandonados, as baterias que não puderam fugir.

Que tudo isto se realise para a maior gloria dos exercitos franceses!



Tradução de

F. M.





# CRÓNICA MILITAR

## Alemanha

**Organização da radiotelegrafia.** — O exercito alemão dispõe de três especies de estações radiotelegraficas, a saber : as fixas, as transportaveis e as aereas.

As primeiras existem nas praças fortes e designam-se com o nome de estações de fortaleza. O seu raio de acção é de mil quilometros, suficiente para pôr em comunicação as estações mais extremas da fronteira com a estação central de Neuez, em Berlin, e com os dirigiveis.

As estações transportaveis, ou de campanha, destinam-se aos altos comandos ; constituem duas classes, a saber : pesadas e ligeiras de campanha. As suas viaturas são tiradas a 3 parellhas. No jogo dianteiro vão os aparelhos receptores, e no jogo trazeiro os transmissores, o motor e o dinamo.

O raio de acção da estação pesada é de 200 ql. e o da ligeira é de 60 a 70 ql.

Os quartéis generais do comando em chefe, os dos comandantes gerais do exercito e os das divisões de cavalaria são dotados de estações pesadas, indo o pessoal montado nas viaturas ; a dos generais de corpo de exercito só excepcionalmente as recebem.

Em cada posto vão uma ou duas estações que trabalham alternadamente.

Em marcha, cada estação permanece funcionando até que a outra entre em actividade na nova posição ; durante os dias de repouso, uma das estações fica de reserva.

Montar e desmontar uma estação leva 15 minutos.

Nas estações ligeiras todo o pessoal vai a cavalo e o material é menos pesado ; são destinadas a acompanhar os esquadrões de exploração das divisões de cavalaria que formam os postos centrais para receber as partes. Deste modo as notícias das patrulhas de oficiais vão rapidamente do esquadrão de exploração para o quartel general do comandante geral do exercito passando pelo da divisão de cavalaria.

As estações aereas que vão nos dirigiveis estão organizadas somente para transmitir despachos ; o seu raio de acção é de 300 ql.

**Telegrafia sem fios nas colonias.** — Os alemães desenvolvem cada vez mais o uso da telegrafia sem fios nas suas colonias. Não há muito foi inaugurada uma estação em Swakofund, no SO de Africa.

Com ela pode-se comunicar com os navios por um meio pratico até 1.000 quilometros tendo-se conseguido o alcance de 3.500 quilometros.

A torre da estação tem 95<sup>m</sup> de altura.



A estação de Donalu, com antenas da altura de 100<sup>m</sup>, tem um alcance de 1.100 quilómetros.

Alem destas existem em Africa outras em construção na baía de Zudsmtz ao SO; em Dar-de-Subem a E e outra em projecto em Togo.

**Jornadas dos automoveis militares.** — O ultimo regulamento para o serviço de campanha das tropas automobilistas fixa para jornadas diarias de 10 horas os seguintes percursos :

Isolados ou em colunas	Distancias em quilometros		
	Em terreno plano	Em terreno acidentado	Em terreno montanhoso
Automoveis ordinarios.....	300	200	150
» pequenos .....	250	150	100
» omnibus .....	150	100	80
Viaturas de tracção militares.....	100	80	60
Automoveis de carga .....	100	80	60
» de calefacção .....	125	100	75
» ligeiros .....	175	125	100
Ambulancias automoveis.....	200	150	100
Motocicletas.....	250	150	100
Trens de étape.....	100	80	60

Em condições desfavoraveis de caminhos, estes percursos podem ficar reduzidos a menos de metade.

## Argentina

**Aquisição de material de guerra.** — Foi adoptada há pouco uma nova arma sistema «Mauser» Md. 1909, do mesmo calibre 7,66, que a do sistema de 1895. A bala empregada é ponteaguda, com uma velocidade inicial de 800<sup>m</sup>.

A cavalaria está armada com a carabina «Mauser», tendo alguns corpos ainda a lança.

A artilharia possui o canhão Krupp de 75<sup>mm</sup>, modelo argentino de 1909, com uma velocidade de tiro de 20 e 25 por minuto, culatra sistema «Bellin», freio hidraulico, escudo de protecção e aparelho de pontaria independente.

As peças de campanha são de 105<sup>mm</sup> e as de artilharia de sitio de 130.

As metralhadoras são de sistema Maxim e os serventes vão armados de pistolas Colt.

## Austria

**Barracas desmontaveis.** — Em todos os exercitos sente-se a necessidade de dispôr de boas barracas desmontaveis para alojamento das tropas.

Na Austria tem-se construido em diversas ocasiões tipos desmontaveis de barracas para o exercito, sendo um dos mais praticos o construido pela casa Schiler com destino ao exercito da Bosnia.



Actualmente estão-se construindo novos modelos nas oficinas do Estado, e para que este material reúna todas as vantagens desejadas serão de facil transporte.

Do modelo Trommur estão sendo construídos dois tipos distintos, o primeiro dos quais pode alojar para uns 50 soldados.

**A cavalaria austro-hungara.** — A *Danzers Armees Zeitung* de Vienna publicou a lista de recompensas concedidas aos regimentos de dragões, ulanos e hussards, que menciona, consistindo em cruces de cavalaria da Ordem de Leopoldo e da Corôa de Ferro de 3.<sup>a</sup> classe, cruces de Merito militar de 3.<sup>a</sup> classe e Segnum Landis (menção honrosa).

Embora faltem na lista os regimentos da *laudwehr* austriaca e da *houvea* hungara, é de supôr que estes regimentos tenham tomado tambem parte na guerra.

Da mesma relação se deduz que os 42 regimentos de cavalaria do exercito comum estão êmpenhados na contenda.

## França

**Serviços dos engenheiros na parte occidental de Marrocos.** — Transcrevemos do *Memorial de ingenieros del ejercito* os dados seguintes coligidos pelo coronel de engenharia espanhol D. Francisco Echagüe :

Tropas—Existem quatro companhias de sapadores-mineiros affectas, uma a cada uma das sub-divisões ds Marrakesch, Fez e Mekinez e meia ás de Rabat e Casabranca.

Duas companhias de caminhos de ferro : uma na construção e exploração da linha de Lale-Fez e outra na de Casabranca a Marrakesch.

Uma companhia de telegrafistas.

Uma dita de radiotelegrafistas.

O serviço mais valioso que prestam os engenheiros é indubitavelmente o de caminhos de ferro.

Como é sabido foi proibido pela convenção internacional ás nações protectoras do imperio, construir e explorar linhas de character comercial em que se tenha assente a linha Tanger-Fez, permitindo-lhes só o estabelecimento de vias de character estrategico, sendo empregadas em usos exclusivamente militares.

A grande extensão da zona francêsa, a mobilidade das forças e as grandes distancias a que se encontram os pontos fortificados origina-lhes um enorme dispendio nos transportes de material, viveres e munições, cujo capitulo figura com uma cifra muito respeitavel no orçamento da guerra.

Tem sido até agora de 2,20 fr. o que a guerra deve abonar para transporte de cada tonelada por quilometro, preço realmente exorbitante. Não é pois, para extranhar que da construção de linhas ferreas ligeiras tenha resultado imediatamente um grande negocio para a administração da guerra, por isso que estes reduziram as despesas de transporte de tonelada por quilometro a 0,60 fr. com o que em dois anos ficou totalmente amortisado o custo das obras e do material fixo e circulante.



A construção das linhas, que teem 0<sup>m</sup>,60 de largura, começou em setembro de 1911; hoje acham-se em exploração:

Sale a Mekinez .....	180 ql.
Rabat a Casabranca .....	90 »
Casabranca a Bon Lanane.....	120 »

e estão em construção:

Mekinez a Fez .....	65 ql.
Bon Lanane a Marrakesch.....	280 »
.....	»
.....	345 »

Estarão em exploração no 4.<sup>o</sup> trimestre de 1915..... 735 »

e no fim do corrente ano os compreendidos entre Fez e Mekinez.

A via de 60 centímetros está em grande parte assente sobre travessas de madeira, e alguns troços, assim como as vias nas estações, em travessas de aço ocas sistema Pechet. O carril pesa 9,5 ql. por metro corrente; o balastro foi suprimido em todo o terreno proximo á costa que é invariavelmente arenoso; as curvas minimas são de 50 metros, e os declives de 25<sup>mm</sup>. O traçado em todo o trajecto desde Casabranca a Mekines, foi facil, excepto na zona entre Dar del Hamry e Mekinez que é bastante complicado, pelo acidentado do terreno.

Pelo que respeita ao material circulante, possuem 40 locomotivas de 8 toneladas sistema Decauville e 12 ditas duplas, com 6 eixos de 18 toneladas, recentemente adquiridas, vagões para passageiros, para gado e plataformas de varias especies sobre bogias. Os comboios formam-se com 6 plataformas ou outras unidades conduzindo 40 toneladas uteis, salvo no trajecto que citamos em que ficam reduzidos a metade.

Em compensação dobram de comprimento com as locomotivas do novo modelo.

Como dado que dá ideia da intensidade de transporte, deve consignar-se que durante o mês de maio ultimo circularam entre Salé e Dar bel Hamry (102 quilometros) 1902 passageiros e 5.224 toneladas.

Entre Casabranca e Rabat (82 quilometros), 2.037 passageiros e 2.557 toneladas.

No calculo da construção entrou o orçamento da amortisação de todas as despesas de estabelecimento, tracção e exploração em 10 anos, apenas com a economia que se estabelecia no transporte, comparado com os demais meios empregados, mas os resultados teem excedido muito as previsões.

*Telegrafia* — Todas as zonas ocupadas estão já cruzadas por uma rede de linhas telegraficas estabelecidas pela companhia de telegrafistas, mas já nas cidades e portos teem entregue o serviço á telegrafia civil que se vai desenvolvendo pouco a pouco pelas zonas fortificadas; aquelas que são de recente ocupação e onde por conseguinte a segurança não é muita, assim como os portos fortificados, são servidos por militares, existindo algumas mixtas intermedias.



A' frente do serviço de telegrafia sem fios está um coronel; e estão actualmente estabelecidos: um posto de grande alcance em Fez comunicando principalmente com os de Zaurit (Marrocos oriental) de 225 quilometros e com o de Oran de 500; uma estação de grande alcance em Marrakesch; uma outra em Agadir.

Alem disso tem uma estação movel em cada um dos postos fortificados extremos de occupação e outra afecta a cada columna de operações. O resto do serviço de telegrafia sem fios nas cidades é feito por uma companhia civil.

**Iluminação**—Duas secções de projectores em Kasba Tadla e Fez e outra em Agadir; a de Kasba Tadla foi utilizada pela columna Duplessis nas ultimas operações de Zaian. Este material vai ser aumentado no proximo exercicio.

**Pontes**—Possuem material regulamentar flutuante para 200 metros, empregado actualmente com duas pontes estabelecidas sobre o Um er Rbia entre Casabranca e Marrakech, uma ponte e uma comporta em Mechaze ben Abty, para ligar Kebar com Setat.

Estabeleceu-se outro em Mechua ben Abbon entre Casabranca e Marrakesch que foi substituida por uma ponte pensil.

E, por ultimo, foram construidas diversas sirgas e comportas sem contar com as pontes sobre estacas que se devem multiplicar á medida que se fôr avançando, pois em Marrocos até há pouco tempo, todos os rios, com raras excepções, eram atravessados por vaos.

Exige-se, portanto, dos engenheiros um serviço intenso em tudo o que respeita a especialidades, mas em compensação o de sapadores propriamente dito, tem sido pouco aproveitado; as tropas são diminutas e as columnas vão só acompanhadas duma secção mesmo quando sejam fortes contingentes. Na que foi o coronel Echagüe, a secção trabalhou muito durante as marchas para facilitar o movimento da bateria de campanha que encontrou no caminho serios obstaculos, mas não teve intervenção alguma na organização nem na fortificação dos acampamentos, nem em outras ocasiões onde a sua intervenção fosse utilisavel como na passagem dos vaos do Um er Rhia, onde podiam ter-se evitado muitas perdas de animais, com a organização dos vaos que não existia.

## **Inglaterra**

**Novas unidades de metralhadoras sobre automoveis.**— Por uma disposição recente do Ministerio da Guerra, foi criada uma bateria de metralhadoras montadas sobre automoveis para cada divisão da força expedicionaria.

O pessoal destas baterias se recrutará entre os novos voluntarios, ou por alistamento especial de individuos que reünam determinadas condições.

O novo pessoal deste serviço, passará a depender das unidades de artilharia a cavalo e de campanha, hoje organizadas, percebendo os mesmos soldos que os individuos da sua mesma categoria, que actualmente prestam o serviço nelas.

Os officiaes que desejem prestar serviço como voluntarios nestas novas unidades, sollicita-o-hão aos seus chefes respectivos.

**Os prisioneiros de guerra e a sua correspondencia.**— Pelo Ministerio da Guerra acabam de ser publicadas umas instruções relativas á correspondencia dos prisioneiros de guerra.



Segundo elas, as cartas, postais e encomendas postais que se desejem enviar, devem ser dirigidas como se segue :

(Nome, iniciais, posto e regimento)

Prisioneiro de guerra inglês

Na Alemanha (ou Austria-Ungria)

Direcção Central dos Correios

Londres.

Quando se conheça a localidade em que se encontre, deve consignar-se o seu nome na 3.<sup>a</sup> linha da direcção : e só neste caso se recomenda o envio de encomendas postais.

As noticias que se comuniquem devem limitar-se a assuntos privados e de familia, e ainda estas não devem ser remetidas com muita frequência, nem fazer a mais ligeira referencia á situação politica nem ás questões militares e navais.

Aos amigos dos prisioneiros aconselha-se que remetam postais, por ser este o meio menos exposto a atrasos. Mas, se desejam escrever cartas, não deve o escrito exceder duas paginas em papel corrente, nem conter outra coisa além do texto.

Umás e outras podem ir escritas em inglês, apesar de que em alemão chegarão ao seu destino.

As cartas registadas e periodicos, não se admitirão por agora, não existindo restricção alguma emquanto ás encomendas postais ; o tabaco pode ser enviado sem nenhum inconveniente, sem pagar direito algum, mas os artigos de comer sujeitos a decomposição, são proibidos.

Tambem se pode remeter dinheiro sem despesas de comissão. O Ministerio da Guerra não aceita responsabilidade alguma em relação com estas remessas e faz o avizo de que, em atenção ás circunstancias, a falta de noticias referentes a qualquer especie de correspondencia enviada, não se deve interpretar no sentido de extravio.

**Peças para tiros contra aeroplanos e dirigiveis.** — A casa Vickers, construiu uma nova peça de 17 milímetros, com campo de tiro de 0 a 90°, destinada a abater aeroplanos e dirigiveis.

A casa Krupp construiu outra peça de 10 centímetros e 35 calibres, que dispara projecteis de 18<sup>kg</sup> com angulo maximo de 75°.

A velocidade inicial é de 700<sup>m</sup> e o alcance de 11:400 em altura, e os projecteis ao rebentarem, produzem muito fumo para melhor observação do tiro.

O aparelho de pontaria é constituído por um oculo ligado a um telemetro especial ; com o primeiro o apontador acompanha o alvo em seu vôo e com o segundo obtem a distancia.

Todos os dados precisos para o tiro (angulos de elevação, distancias, etc.), estão indicados em quadros dispostos em um tambor unido á peça.

## Italia

**Numero de pilotos «brevetês».** — E' interessante conhecer o numero de pilotos-aeronauticos *brevetês*, que poderão ser utilizados no exercito italiano.

Em 29 de novembro ultimo, foi apresentada a seguinte estatistica : Numero de pilotos : aeroplanos, 175 ; dirigiveis, 10, e balões esfericos, 70.



Em todos os generos de aeronautica a Italia ocupa o 4.º lugar das grandes potencias europeias.

**Instituto geografico militar.** — Este Instituto executou importantes trabalhos de cartografia relativos á nova colonia italiana ; entre outros, a carta utilizada para os desembarques e as operações do começo de conquista, os levantamentos na escala de 1:25000 da zona ocupada e na escala de 1:2000 da cidade e dos oasis de Tripoli.

Anuncia-se que este Instituto vai levantar uma carta da Lybia na escala de 1:100000.

**Comissões de officiais ao estrangeiro para o aperfeiçoamento nas linguas.** — Segundo a ultima disposição do Ministerio da Guerra, formou-se um quadro das comissões dos officiais que devem ir ao estrangeiro a aperfeiçoarem-se nas linguas, os quais foram distribuidos pela seguinte forma : de alemão, 10 officiais de infantaria, cavalaria, artilharia, engenharia, saude e administração militar, 4 meses em Berlim ; de hungaro, 3 officiais da mesma arma e serviços, 6 meses em Budapest ; de inglês, 3 officiais, 5 meses em Londres e de russo, 4 officiais, 4 meses em Kieff.

## Japão

**Escola de applicação para officiais de infantaria.** — Até agora a Escola de Toyama era uma especie de escola de tiro de infantaria, na qual se organizavam tambem cursos de ginastica, esgrima de sabre e baioneta e musica.

No fim do ano passado, introduziu-se uma modificação nos cursos e transferiu-se a Escola para Chiba (proximo de Tokio), sendo destinada ao ensino do tiro, da tática e do serviço de comunicações, vindo a constituir uma verdadeira Escola de applicação.

Os cursos (4 em um ano) serão frequentados por capitães e subalternos de infantaria. Os chefes, assim como os officiais de outras armas, podem tambem ser mandados por algum tempo na Escola de Chiba.

Esta divide-se em secção de instrução e dita de experiencias. A segunda está encarregada de estudar as questões e projectos seleccionados com o aperfeiçoamento e simplificação dos metodos de instrução das tropas, experimentar as armas de fogo portateis e as metralhadoras.

A Escola tem á sua disposição um batalhão de instrução.

O director da Escola depende do inspector geral dos estabelecimentos de educação e de instrução militar, e tem ás suas ordens um sub-director e o numero preciso de officiais e empregados subalternos.

Quanto á Escola de Toyama, já não se dá nela senão instrução de ginastica, esgrima e musica.

Os cursos de ginastica e esgrima são frequentados por jovens officiais de todas as armas, podendo tambem assistir capitães e officiais superiores.

Ao curso de musica assistem os chefes de musica de todas as armas.

Para esse fim existe na Escola uma banda militar, composta de musicos escolhidos e aptos para o ensino.

Ha em cada ano dois cursos de ginastica e esgrima, durando 5 meses.

O curso para musicos militares dura um ano.



## Mexico

**Reorganização das sociedades de tiro.** — Até agora as sociedades da Confederação nacional de tiro, que em dezembro de 1911 eram 189 (20 de primeira categoria, 42 de segunda e 27 de terceira), não tinham caracter militar propriamente dito.

Agora, em conformidade com um projecto elaborado pelo general presidente dessas sociedades, a Confederação vai ser reorganizada, constituindo as sociedades confederadas uma verdadeira reserva do exercito permanente.

Propõe-se, além disso, a fundação de poligonos de tiro em todo o país e que a Confederação organize um gabinete proprio e autonomo de caracter técnico e directivo para dar estabilidade á instituição.

As armas que se empregam, serão as regulamentares no exercito.

## Noruega

**Participação das sociedades de tiro na defesa nacional.** — Foi ha pouco regulamentada a organização de um curso anual de instrução para chefes de secção, durante 16 dias, em vista da participação eventual das sociedades de tiro na defesa nacional. O curso que fica sob a direcção de um official superior ou de um capitão com officialis suplentes, professores, chefes de sociedades de tiro e tendo medico e pessoal auxiliar, foi frequentado por 120 alunos, socios das sociedades de tiro.

Além dos subsidios de marcha, terá o pessoal direito ás seguintes indemnizações: director, 320 coróas; officialis adjuntos e professores, 220; os outros officialis, 120; os sargentos, 100, e os alunos, 32. Estes ultimos terão alojamento, e, se o desejarem, serão alimentados pela administração militar.

As armas e munições serão facultadas pelo Estado; todavia, os alunos terão autorisação para se servirem das espingardas regulamentares que lhes pertençam.

**Exercicios Invernais.** — Os recrutas são incorporados na primavera, permanecendo nos quartéis até ao fim da sua instrução.

No inverno, a vida militar encontra-se, principalmente, nas escolas de sargentos, que são, na sua maioria, em Christiania. A instrução dos recrutas é muito reduzida, durando 72 dias na infantaria, 116 na artilharia e 126 na cavalaria.

Em compensação a instrução nas citadas escolas é muito completa, não só teorica como pratica, sendo sobretudo interessantissimas as manobras ou exercicios invernais. As ultimas realizaram-se em Sanriquep e Tamur, e resolveram importantes problemas da arte de guerra, sendo presenciadas por adidos militares estrangeiros.

## Romania

**Creação de escolas praticas para a formação de instrutores tecnicos.** — Há algum tempo foram creadas em cada um dos cinco batalhões de engenheiros escolas praticas que funcionam durante 30 dias. Estas escolas são destinadas a formar instrutores tecnicos encarregados de proporcionar instrução sobre trabalhos de campanha, telegrafia e telefonia nos corpos.



Serão dirigidas por um capitão do batalhão e pelo comandante da companhia de telegrafistas.

Os regimentos de infantaria e cavalaria, assim como os batalhões de caçadores, destacarão, respectivamente, um tenente, um sargento instrutor e um cabo que tenham, pelo menos, um ano de serviço activo.

**Creação de novas unidades.** — O orçamento do ministerio da guerra para 1913-1914 acusa um aumento de 7.490:000 francos em relação ao orçamento actual.

Esta soma será integralmente destinada á criação de um 10.º batalhão de caçadores, de 15 baterias de obuzes de 105<sup>mm</sup>, de um regimento de artilharia a cavalo, de 3 baterias de obuzes pesados de 150<sup>mm</sup>, de 3 baterias de artilharia de montanha, de 2 companhias de artilharia de sitio, de 1 batalhão de especialistas e de 1 companhia de engenheiros.

**A guerra moderna e os ferimentos.** — Estatísticas recentes publicadas pelos franceses sobre os feridos na actual campanha até 1 de dezembro ultimo, proporcionam dados muito interessantes acerca da indole dos ferimentos produzidos pelo armamento moderno.

Em geral todos eles são de pequena gravidade, attribuindo-se a causa, não só á condição humanitaria dos projecteis em uso, mas em parte aos progressos da moderna cirurgia para tratar os ferimentos.

Tambem pode obedecer este fenomeno ao desenvolvimento que vai tomando a tracção mecanica, na sua applicação ao serviço das ambulancias, já que este permite a evacuação dos feridos com maior rapidez e conforto que dantes, reduzindo assim os fatais efeitos dos ferimentos quando demore o curativo.

Desde que rebentou a guerra, um grande numero de cirurgiões afamados ofereceram os seus serviços ás autoridades militares, havendo praticado já curas de tal indole, que em outros tempos se teriam considerado milagrosas.

As cifras que se registam são convincentes e oferecem resultados até agora nunca obtidos nas guerras anteriores.

Feridos ligeiramente, incorporados nas fileiras em poucos dias, 54,5 por cento. Idem com licença, 24,5 por cento. Idem inutilisados, 1,46 por cento. Falecidos em resultado dos ferimentos, 3,48 por cento.

Isto equivale a dizer que mais de metade dos feridos poderam ser restituídos ás fileiras pouco tempo depois de produzidas as baixas.

## Suecia

**Ensaio de mobilização.** — Com o fim de efectuar exercicios de mobilização, foi há pouco dada ordem telegrafica de mobilização das reservas de três distritos militares.

O chamamento compreende igualmente a reserva territorial. As unidades de Landsturn destinam-se somente, segundo a lei militar, a proteger as costas e dar serviço de guarnição a certas praças do interior.

Em alguns distritos foi dada ordem para mobilizar viaturas e requisitar gado pertencente a particulares.



Como os alojamentos não foram suficientes, a maior parte das tropas teve que bivacar nas imediações dos quartéis.

O aspecto das regiões mobilizadas era muito animado e os resultados da mobilização não podiam ser mais favoráveis.

**Curso de metralhadoras.** — Para a instrução do pessoal de metralhadoras realisam-se anualmente 3 cursos de 3 semanas, em Wisby, Karlsborg e Baden, servindo de professores os officiaes dos 3 regimentos de artilharia destas guarnições.

Em cada curso pode-se gastar uma dotação de 16.000 cartuchos.

## Suissa

**Reforçamento do sistema defensivo.** — Vai ser estabelecida uma nova linha de fortificações com o fim de proteger o cantão de Tessino que avança sobre territorio italiano.

Esta linha estender-se-á desde o cabo de Torio até ao monte Cencra, sobre o Lago Maior, passando por Sementino e Giubiasco. As obras a construir nos pontos mencionados defenderão a via ferrea Bellinzona-Lugano, assim como o vale de Meggia, que se abre no extremo septentrional do Lago Maior.

**Exercito territorial.** — Para o exercito territorial foram dadas novas instruções. O fim da ultima reserva é defender as fronteiras e comunicações, manter o serviço de etapas e cobrir as baixas da reserva.

As praças permanecem nela desde a idade de 41 até aos 48 anos.

Os officiaes são obrigados a prestar serviço até á idade de 52 anos.

O efectivo de cada companhia é de 180 homens e o batalhão tem 3 a 8 companhias.

O uniforme é o mesmo do exercito, com a unica diferença de ter duas estrelas no bonet.

## II

# PARTE MARITIMA

## A GUERRA NO MAR

**As operações nos Dardanelos.** — O Vice-almirante Carden, foi o primeiro comandante em chefe inglez que começou as operações no mar para forçar os Dardanelos, afim de conquistar Constantinopla. Ele informou o Almirantado que em 6 de Março, os couraçados *Queen Elisabeth*, *Agamenon* e *Ocean*, atacaram os fortes *Hamidieh 1.º Tabia*, e *Hamidieh 3.º*, por tiro indirecto atravez a Peninsula Gallipoli á distancia de 21.000 jardas.

Estes fortes achavam-se armados com as seguintes peças :

O primeiro com 2 peças de 14 polgadas e 7 de 9,4 polegadas.

O segundo com 2 peças de 14 polegadas, 1 de 9,4; 1 de 8,2 e 4 de 5,9 polegadas.

O *Queen Elisabeth* foi alcançado por 3 projecteis de howitzers e peças de campo sem lhe causar dano.



Ao mesmo tempo dentro do estreito, o *Vengeance*, *Albion*, *Magestie*, *Prince George* e o couraçado francez *Suffren* bombardearam Suandere e as baterias do Monte Dardanos.

O forte *Rumili Medjidieh Tabia*, que tinha sido atacado na vespera abriu fogo com peças de 12 polegadas.

Quasi todos os navios que atacavam no estreito foram alcançados pelos tiros mas sem nenhum dano.

Em 7 de Março, o tempo estando calmo e bom, entraram no estreito os navios francezes *Gaulois*, *Charlemagne*, *Bouvet* e *Suffren* para bombardear as defesas dos Estreitos e auxiliar o *Agamenon* e *Nelson*.

Os navios francezes bombardearam e reduziram ao silencio as baterias do Monte Dardanos, então o *Agamenon* e *Lord Nelson* avançaram e começaram o bombardeamento dos fortes com tiro direito a 14.000 e 12.000 jardas.

Os fortes *Rumili Medjidieh Tabia* e *Hamidieh 1.º Tabia*, responderam, mas apoz um violento fogo ficaram silenciosos. Houve explosões em ambos os fortes.

O *Gaulois*, o *Agamenon* e *Lord Nelson* foram alcançados por 3 vezes cada um, tendo tido este ultimo 3 homens ligeiramente feridos.

Emquanto se executavam estas operações o *Dublin* vigiava o isthmo Bulair.

Em consequencia da importancia das baterias marcadas os aviões tiveram que voar em certas ocasiões muito baixo, tendo caído na agua o avião tripulado pelo piloto tenente Garneff e o observador Williamson, ficando ambos molestados, e outros aviadores foram alcançados pelos tiros das peças mascaradas.

## MARINHAS MILITARES

### Alemanha

Confirma-se a noticia, que já demos, de que três couraçados da classe *Koenig*, e que são *Koenig*, *Markgraf* e *Grosser Kurfurst*, estão já em serviço, achando-se em estado de conclusão já muito avançado o *Kronprinz*, do mesmo tipo

— Como já dissemos, os navios da serie mais recente de couraçados alemães terão como armamento principal peças de 318<sup>mm</sup> de calibre, passando-se assim dum salto das peças 305<sup>mm</sup> para este calibre.

Na marinha inglesa, nos super-dreadnoughts, passou-se porém da peça de 305 á de 343<sup>mm</sup> e, finalmente, ás de 381<sup>mm</sup> na classe *Queen Elisabeth*.

A seguinte tabela põe em confronto a peça de 381<sup>mm</sup> alemã com a inglesa de igual calibre :

Dados da peça	Alemanha	Inglaterra
Calibre .....	381 <sup>mm</sup>	381 <sup>mm</sup>
Comprimento em calibres.....	45	45
Peso da peça.....	83,8 T.	96 T.
do projectil.....	760 kg.	885 kg.
Velocidade inicial .....	890 m : s	760 m : s
Peso da carga.....	205 kg.	277 kg.



## Estados- Unidos

No que diz respeito ao programa naval a enviar ao Congresso na primeira sessão, o *Secretary of the Navy* proporá a construção de dois couraçados, mas no seu relatório anual emite-se o voto da construção de quatro em vez de dois.

Como se vê, nos Estados- Unidos, com o bom senso que caracteriza o seu Estado Maior, secundado pelas opiniões dominantes na armada, entende-se que, sem deixar de reconhecer a importância dos submersíveis, cujo número será aumentado de futuro muito sensivelmente, são necessários os navios de linha, bastante poderoso e de não menos de 30.000 ton. de deslocamento, considerados como factores predominantes para a sua política naval e realização dos seus objectivos.

No programa naval novo consigna-se ainda a construção duma divisão de cinco exploradores de tipo moderno e de elevada velocidade, salientando-se que a frota norte-americana é bastante desprovida de elementos de exploração.

—Publicamos a seguinte tabela com os dados de confronto dos navios de linha mais recentes da marinha norte-americana.

	Nevada e Oklahoma	Pennsylvania e Arizona	California, Idaho e Mississippi
	1911	1912 e 1913	1914
Deslocamento:			
Toneladas inglesas.	27:500	31.400	32.500
» metricas.	27:940	31.909	32.000
Velocidade . . . . .	20,5	21	21
Comprimento total.	583 ft=m. 188	608 ft=m. 185,5	624 ft=190,2
» entre perpendiculares..	575 ft=m. 175,3	600 ft=m. 183	600 ft=183
Boca . . . . .	95 ft 2' 1/2=m.29	97 ft 1/2'=m.29,6	97 ft 4' 1/2=29,7
Imersão . . . . .	28 ft 6''=m. 8,70	28 ft 10''=m.8,79	30 ft=m. 9,14
Armamento principal . . . . .	X-356	XII-356	XII-356
Armamento anti-torpedico . . . . .	XXI-127	XXII-127	XXII-127
Armamento submarino . . . . .	IV ls. sub. da 533	IV ls. sub. da 533	IV ls. sub. da 533

Os dois couraçados seguintes aos *Nevada* e *Oklahoma*, de 32.000 ton., terão um couraçamento ainda mais potente do que aqueles e defeza submarina ainda mais eficaz, obtida com maior desenvolvimento de compartimentagem e maior numero de anteparas transversais estanques, como objectivo de localizar os efeitos das explosões dos mais modernos torpedos.

A cintura couraçada é de maior grossura e mais extensa do que em qualquer navio de linha de outras marinhas de guerra.



A cintura couraçada tem a espessura maxima de 354<sup>mm</sup> e as faces das torres triplices a espessura de 457<sup>mm</sup>.

A cintura couraçada desce abaixo da linha d'agua 2<sup>m</sup>,44 e sobe em relação á flutuação a 2<sup>m</sup>,90. O couraçamento é completado com fortes travezes couraçados e varios pavimentos horizontais couraçados.

As caldeiras são só para combustivel liquido, separadas em camaras completamente independentes por anteparas-estanques, extremamente localizadas e todas dispostas de forma a que a sua tiragem se faz para uma unica chaminé, cuja base é couraçada com fortes chapas inclinadas.

Dispõem estes navios de IV tuços lança-torpedos de 533<sup>mm</sup>.

## França

As forças navais efectivas da marinha francesa são actualmente as seguintes :

- 4 dreadnoughts.
- 18 pre-dreadnoughts.
- 20 cruzadores-couraçados protegidos.
- 11 cruzadores ligeiros.
- 84 contra-torpedeiros.
- 153 torpedeiros.
- 70 submersiveis.

Toda a frota [de linha] acha-se agora no Mediterraneo ; a Mancha e o Golfo da Biscaia são defendidos só por contra-torpedeiros e submersiveis.

Segundo refere a *Revista Maritima Italiana* de Novembro, as autoridades da marinha francesa preocupam-se bastante com a idéa de abandonar o actual sistema que põe a bordo duas categorias absolutamente distintas de officiais : uma que se ocupa da navegação e do combate e a outra do serviço das maquinas, sendo provavel a integração de todas as especialidades num corpo unico de officiais.

## Inglaterra

Desde que rebentou a actual conflagração entraram em serviço os seguintes navios de guerra.

4 couraçados ou sejam :

O *Agincourt*, de 28.000 ton., ou o ex-*Osman*, ou o ex-*Rio de Janeiro*, a cujo armamento e demais características já fizemos demorada referencia ;

O *Erin*, de 23.400 ton., ex-*Reschadieh*, armado com X peças de 343<sup>mm</sup> em cinco torres duplices, XVI peças de 152<sup>mm</sup>, IV peças de 75<sup>mm</sup> e V tubos de lançamento submarinos de 533<sup>mm</sup> ;

O *Tiger*, couraçado-cruzador de 28.500 ton., armado com VIII peças de 343<sup>mm</sup> em quatro tores duplices, XII peças de 152<sup>mm</sup> e V tubos de lançamento para torpedos de 533<sup>mm</sup>. As turbinas são Curtis, para 83.500 cavalos, e a velocidade maxima de 28 milhas ;

4 exploradores (*light armoured cruiser*) *Aurora*, *Arethusa*, *Galatea* e *Undaunted*, de 3.800 ton. e 29 milhas, com o armamento cada um de II peças de 152<sup>mm</sup> e VII peças de 102 ;

3 monitores comprados ao Brasil e que se estavam construindo na casa Vickers : *Humber*, *Mersey* e *Severn*, de 1.280 ton. e 11,5 milhas. de baixo ti-



rante de agua e armados, cada um, com II peças de 152<sup>mm</sup>, II de 47<sup>mm</sup> e IV de 37<sup>mm</sup>;

2 condutores de flotilhas: o *Faulkner*, ex-*Almirante Simpson* e o *Broke* ex *Goni* (feitos para o Chili), podendo ser considerados como grandes contra-torpedeiros, de 1.630 a 1.850 ton. de deslocamento e de 31 milhas, com o armamento de VI peças de 102<sup>mm</sup> e III tubos de lançamento de torpedos;

8 contra-torpedeiros, a saber: *Lance*, *Laveroch*, *Leomidas*, *Lookout* e *Lucifer* (da classe L), de cerca de 980 ton. e 29 milhas, armados com III peças de 102<sup>mm</sup> e IV tubos de lançamento de torpedos de 533<sup>mm</sup>, e *Meteor*, *Minos* e *Miranda* (classe M), de 1.300 ton., armados com IV peças de 102<sup>mm</sup> e IV tubos de lançamento de 538<sup>mm</sup>.

— Sobre os contra torpedeiros ingleses da classe L, parte dos quais já entraram em função na presente conflagração, podemos ainda dizer que tem o comprimento entre perpendiculares de 79<sup>m</sup>,3, bôca de 8<sup>m</sup>,43, imersão 2<sup>m</sup>,90, deslocamento de 890 ton., com a velocidade do contracto de 29 milhas e 25.600 cavalos, mas que tem sido excedido tal andamento, o qual chegou a atingir nas experiencias 35 milhas.

A dotação normal de combustivel liquido é 135 ton. e a lotação do pessoal de 100 homens.

## Japão

Referimo-nos já ao couraçado *Fuso*, de 31.500 ton. e de 22,5 milhas. cujo armamento é o seguinte: XH peças de 356<sup>mm</sup>, XVI peças de 152<sup>mm</sup> e algumas de menor calibre e VI tubos de lançamento para torpedos de 533<sup>mm</sup>.

Hoje apresentamos os esquemas com a distribuição do couraçamento e artilharia do referido navio.

As peças de grosso calibre estão dispostas axialmente, como se vê nos esquemas, e numa disposição que lembra a adoptada no couraçado americano *Arkansas* (XII peças de 305<sup>mm</sup>).

As XVI peças de 152<sup>mm</sup> (oito por cada flanco) estão todas em casas-matas e dispostas por fórma que se pôde fazer fogo em caça com IV peças de 152<sup>mm</sup> e com igual numero destas peças para a pôpa.

Ha ainda a contar com mais XII peças de menor calibre, montadas duas a duas no tecto de cada torre, como se vê no esquema. Parece que esta peças são de 120<sup>mm</sup>.



## BIBLIOGRAFIA

## I—LIVROS

## Espanha

1. GAVET (André). *El Arte de mandar*. Traducido por D. Jovino López Rúa, capitán de Caballería. Um tomo de 170 páginas. Talleres de Garcybarra : Real, 66, La Coruña.
2. ACEYTUNO (D. Pascual Fernández), teniente coronel de Ingenieros. *Prontuario de construcción*. Um tomo de 502 páginas. Madrid.
3. MALUQUER (D. José), ingeniero. *En las filas alemanas, cuadros de la gran guerra de 1914*, recopilados. Tipografía Altés, Barcelona. Pes 3,50
4. *Resumen de la Estadística sanitaria del ejército español en el año 1912*. Ministerio de la Guerra, 1914.
5. CARDONA Y PRIETO (D. Pedro M.), teniente de navio, ayudante honorario de S. M. el Rey. *Ensayo de valoración actual estratégica y táctica del puerto de Mahón*. Establecimiento tipográfico de M. Sintés Rotger, Mahón.
6. *Censo del ganado caballar y mular de España é islas adyacentes correspondiente al año 1913*. Dirección general de cria caballar y remonta.
7. GERRO Y ACUÑA, (Bartolomé), perito agrícola. *Manual elemental de Topografía práctica y ligeras nociones de Taquimetría*. Um volumen de 288 páginas y 100 figuras intercaladas en el texto. P. Orrier, editor. Madrid. Pes. 3
8. *Datos estadísticos de los establecimientos Krupp*. Essen-Ruhr, 1913-14.
9. KARL (Dr. Armgaard), técnico norte-americano. *El secreto del militarismo alemán*. Traducido por G. A. G. Un folleto de 58 páginas. Bui-gas, Pons y C.<sup>a</sup> editores, Barcelona. Cent. 30
10. VILAPLANA (D. José), capelán del regimiento de Cazadores de Trevino. *Devocionario del soldado*. Um vol. 200 pg.
11. *Homenaje al general Polavieja*. 1 vol. de 228 pg.
12. BALDRICH (D. Juan Amadeo de) coronel. *España y su Ejército*. Folleto de 18 páginas de 17x10 centímetros. Buenos Aires, 1914.

## França

1. *Description des uniformes*. Troisième partie. Effets spéciaux à certains corps ou services. Supplément arrêté à la date du 22 septembre 1913. In-8, 62 p. 1914. Henri Charles-Lavauzelle. Paris. Cent. 60
- Bulletin officiel du ministère de la guerre. Édition méthodique. N.º 1058. (Supplément).



- 2 *Description des uniformes. Troupe et Personnel secondaire des établissements militaires.* Deuxième partie. Ecoles militaires. Supplément arrêté à la date du 22 septembre 1913. In-8, 71 p. 1914. Henri Charles-Lavauzelle. Paris Cent. 65  
Bulletin officiel du ministère de la guerre. Edition méthodique. N.º 105<sup>2</sup>. (Supplément).
- 3 *Artillerie. Service de l'armement.* Volume arrêté à la date du 11 juillet 1913. In-8, 313 p. Henri Charles-Lavauzelle. Paris. 1914 Fr. 2,25  
Bulletin officiel du ministère de la guerre. Edition méthodique. N.º 19.
- 4 *Description des uniformes. Première partie.* Effets et accessoires d'usage général ou d'un usage commun à plusieurs corps ou services. Supplément arrêté à la date du 22 septembre 1913. In-8, 93 p. avec fig. Henri Charles-Lavauzelle. Paris Cent. 75  
Bulletin officiel du ministère de la guerre. Edition méthodique. N.º 105<sup>1</sup>. (Supplément).
- 5 *Description des uniformes. Officiers. Fonctionnaires et Employés militaires.* Supplément arrêté à la date du 22 septembre 1913. In-8, 159 p. avec fig. Henri Charles-Lavauzelle. Paris. 1914 Fr. 1,50  
Bulletin officiel du ministère de la guerre. Edition méthodique. N.º 104. (Supplément).
- 6 LUYA (capitaine). *Le 3<sup>e</sup> chasseurs d'Afrique au Maroc 1908-1911-1912.* In-8, 59 p. avec cinq gravures (portraits ou sujets) une vue et deux cartes. 1914. Henri Charles-Lavauzelle. Paris.
- 7 GILLES (P.) docteur en droit, avocat. *La Question des loyers et la guerre.* Droits et obligations des locataires et des propriétaires d'après la loi, les décrets de 1914 et les précédents de 1870-71. Première partie, État de notre législation générale. Deuxième partie. Législation de 1870-71. Troisième partie, Lois et Décrets de 1914. Quatrième partie. Considérations générales et conclusions. 1914. (16 novembre). In-8, 125 p. impr. Ch. Benouard. Paris.
- 8 *Tables des marées des colonies françaises, des mers de Chine pour l'an 1915.* Petit in-8, VIII-165 p. 1914 (12 octobre). Impr. nationale et les libraires chargés de la vente des publications du service hydrographique de la marine. Paris.
- 9 CHARLES-BERTRAND (capitaine). *Etat actuel de l'aéronautique militaire et navale en France et à l'étranger.* In-8, 135 p. Libr. aéronautique, 40 rue de Seine. Paris Fr. 4
- 10 ESPITALIER (lieutenant-colonel). *Aérostiers et Aviateurs. Nombreuses illustrations de Gil Baer.* Grand in-4, 384 p. Société française d'imprimerie et de librairie, 15, rue de Cluny Paris.
- 11 HERLAUT (capitaine) du 76<sup>e</sup> régiment d'infanterie. *L'Armée pendant la seconde moitié du XVI<sup>e</sup> siècle.* 1914. In-8, 38 p. Gustave Vitry, éditeurs de diapositives. Paris.  
Enseignement par les projections lumineuses. Notice rédigée sous le patronage de la commission des vues instituées près du Musée de l'enseignement public. Les Armées d'autrefois. 3<sup>e</sup> série.
- 12 *Service des subsistances militaires. Alimentation en campagne.* Volume



arrêté à la date du 2 avril 1914. In-8, 83 p. 1914. Charles-Lavauzelle  
Paris.

Bulletin officiel du ministère de la guerre. Edition méthodique.  
N.º 94 bis.

- 13 DUGARD (H.). *La Légion étrangère*. 1914. In-16, 283 p. avec une pré-  
face de Georges Durocq. Deasins de MM. Mahut et Zislin. «les Mar-  
chés de l'Est», rue de Vaugirard. Paris Fr. 3,50

## Inglaterra

### 1 Government Publications:

- MILITARY. *Equipment Regulations for the Army*. Part 2. Sections iv., iva.  
and ivb. 2d
- *Cyclist Training* (Provisional), 1914 3d
- *Infantry Training* (4-Company Organisation), 1914 6d
- *Army Schools*, Annual Report on. 1912-13 1/
- *Equipment Regulations*. Part 2. Section xv. — Camel Corps School,  
Egypt 2d
- *Ditto*. Part 2. Section v. — Royal Army Medical Corps 2d
- *Ditto*. Part 3. Territorial Force, 1914 6d
- *Ditto*. Part 2. Section Xc. — Field Company 2d
- *Examination of Officers for Promotion*, April, 1914 1/
- *Gun Drill*. 13-Pr. Q.F. Gun. 1914 1/
- *Ditto*. 15-Pr. Q.F. Gun. 1914 1/6
- *Ditto*. 18-Pr. Q.F. Gun. 1914 1d
- *Ordnance Manual* (War), 1914 6d
- *Manual of Army Signal Service* — War (Provisional), 1914 2d
- *Training Manual*, Royal Flying Corps, Part 1 (Provisional), 1914 1/
- *Regulations for the Clothing of the Army*. Part I — Regular Forces.  
1914 6d
- *Trumpet and Bugle Sounds for the Army*, 1914 9d
- *Handbook of Artillery Instruments*, 1914 1/6
- *Instructions relating to the Pay Duties*, 1914 1d
- *Syllabus of Training of R.A. Medical Corps* 1d
- *Regulations for Jersey Militia*, 1914 1/3
- *Gun Handbook* — 10-Pr. Jointed B.L. Gun, 1914 1/6
- *Report on the Topographical Survey of the Orange Free State*, 1905-  
1911 10/
- 2 BACON'S *New War Map*: Paris to Berlin. 18 miles to 1 inch. Bacon  
paper net 1/; on cloth, net 2/
- 3 *Book of British Victories*. No. 1. Exploits on the Sea. 4to, bds. Syndi-  
cate Pub. Co. 2/6
- 4 BRUCE (Eric Stuart) *Aircraft in War*. (Daily Telegraph War Books).  
Cr. 8vo, pp. 192. Hodder & S. net 1/
- 5 *Ceremonials, Billets, Camps, Cooking, Sanitation, Organization Rou-  
tine, &c., &c.* By an Officer of the Regular Army. (Imperial Army Se-  
ries). 16mo, bds. J. Murray net 1/



6. CHEESMAN (G. L.) *The Auxilia of the Roman Imperial Army*. 8vo, pp. 192. Clarendon Press net 5/
7. DANE (Edmund). *Hacking through Belgium*. (Daily Telegraph War Books). Cr. 8vo, pp. 176. Hodder & S. net 1/
8. *Field Entrenchments, Spadework for Rifleman, &c., &c.* By an Engineer Officer attached to the Imperial General Staff. (Imperial Army Series). 16mo. J. Murray net 1/
9. FOSTER (S. Nevile). *Plain Tales from the War*. Cr. 8vo, swd., pp. 256. W. Collins net 1/
10. MURRAY (Marr). *The Russian Advance*. (Daily Telegraph War Books, Cr. 8vo, pp. 192. Hodder & S. net 1/
11. NELSON'S. *Portfolio of War Pictures*. Part 1. pp. 32. Nelson net 7d
12. *Our Navy, Our Army, in Peace and War*. 4to, bds. Gale & Polden net 1/
13. PAUL (Horace St.) *A Journal of the First Two Campaigns of the Seven Years War*. Edited by George Grey Butler. Royal 8vo, pp. 496. Camb. Univ. Press. net 63/
14. *Prisoners of War in France from 1804 to 1814; Being the Adventures of John Tregarthen Short and Thomas Williams of St. Ives, Cornwall*. Introduction by Sir Edward Hain. 8vo, pp. 364. Duckworth net 7/6
15. SMITH (T. C.) *The Wars between England and America*. (Home University Library). 12mo, pp. 256. Williams & N. net 1/
16. SQUAD, Section, Platoon and Company Drill made Easy, for 4-Company Organization in accordance with Infantry Training. Revised and brought up to date by an Adjutant. 16mo, limp. Gale & Polden. net 1/6
17. TILNEY (W. A.) *Marching or Flying by Night without a Compass with Tables or Direction Stars*. For use in the British Isles. New ed. 16mo, limp. H. Rees. net 2/
18. TWENEY (C. F.) *Dictionary of Naval and Military Terms, &c.* 16mo, pp. 232. Umvin net 2/6
19. WALLACE (Edgar) *The Standard History of the War*. Vol. 1. 12mo, pp. 160. Newnes net 1/
20. WEEKLY Dispatch's *Naval War Guide (The) Office* net 6d
21. WYATT (Horace). *Motor Transports in War*. (Daily Telegraph War Books.) Cr. 8vo, pp. 192. Hodder & S. net 1/
22. ACTIVE Service Hints. A. *Campaigner's Tips for the Bivouac, Camp, and Trenches*. Written and illustrated by the Staff of "The Regiment." 12mo, swd., pp. 90. Temple Press net 6d
23. *At the Front*. Being a Realistic Record of a Soldier's Experiences in the Crimean War and Indian Mutiny. By One Who Was There. Cheaper ed. Cr. 8vo, pp. 268, swd. A. Gardner net 1/
24. *Battle of "The Bright"* (The) *Heligoland, Friday, August 28th, 1914*. With drawings by Frank Mason and Arthur Briscoe, and Rudyard Kipling's Poem, "The Destroyer". Oblong 4to, swd. "Yachting Monthly" net 7d
25. FRENCH'S (Sir John). *Dispatches. Official Records of the Great Battles*



- of Mons, the Marne, and the Aisne, as told in his Dispatches by Field-Marshal Sir John French to Field-Marshal Lord Kitchener. Illustrated by maps. Oblong 4to, swd. «The Graphic» net 6d*
- 26 GRANT (Captain M. F.) *Field Ambulance Notes*. 16mo, pp. 146. Forster, Groom 2/

## II — PERIODICOS

### Portugal

- 1 *O Instituto*, n.º 2 de fevereiro de 1915. A precipitação específica. Documentos pombalinos (1777-1782). O Fausto de Goethe. Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança. Memórias de Carnide. Artes e indústrias metálicas em Portugal — Relojoaria.
- 2 *O Oriente português*, n.ºs 11 e 12 de novembro e dezembro de 1914. Físicos-móres da Índia. Fernão de Albuquerque. Dialecto indo-português de Ceilão. Epitáfios portugueses em Patna. *Varia variorum*.
- 3 *Revista de artilharia*, n.º 128 de fevereiro de 1915. Os pequenos calibres na defesa das costas. O telemetro Autos para baterias de costa. A guerra europeia — Diário da guerra. Variedades.
- 4 *Revista de medicina veterinária*, n.º 156 de fevereiro de 1915. Um caso de doença rubra. Relatório da missão veterinária encarregada do estudo e ataque das epizootias que grassam nos distritos de Benguela e Huila. Clínica veterinária militar.

### Brazil

- 1 *Boletim mensal do Estado maior do exercito*, n.º 2 de fevereiro de 1915. Notas editoriais. Psychologia do combatente. Projecto de modificação da lei de alistamento e sorteio militar. Guerra do Paraguay. Torneio militar internacional no Panamá. Metralhadoras. Estabilidade das coberturas horizontaes nas modernas baterias altas de costa. Algumas lições aos inferiores do meu esquadrão.
- 2 *Revista marítima brasileira*, n.º 7 de janeiro de 1915. Almirante Maurity. A grande guerra. Os acontecimentos navais. Em torno da conflagração europeia. A influencia do dominio do mar nas operações militares. Algumas questões com referencia ao desenho do navio encouraçado.

### Chile

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejercito de Chile*, n.º de fevereiro de 1915. Condiciones que deben reunir los animales empleados por la caballeria en el arrastre i carguio de los materiales de guerra. Algunas ideas sobre la preparacion i empleo de la artilleria de campaña. Informaciones sobre la guerra turco-balkanica. Notas de confraternidad militar chileno-argentino. Cronologia de la guerra europea. Las tropas de ferrocarrileros en campaña. La guerra turco-balkanica. Operaciones combinadas del ejercito i armada. Directiva para la instruccion del batallon. Las guarniciones de artilleria de montaña en Austria.
- 2 *Revista de marina*, n.º 344 de fevereiro de 1915. Defensa de la costa. Trigonometria esférica. Apuntes sobre navegacion. Cañones livianos de ánima larga i granadas de alto explosivo. Apuntes sobre carbon. Accion de los torpederos en la guerra ruso-japonesa. Reparaciones de buques mercantes en Talcahuano. La guerra europea.



## Colombia

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejercito de Colombia*, n.º 60 de dezembro de 1914. Limites de Colombia. El ejercicio del comando. Proyecto unico para la artilleria de campaña. La bayoneta. La figura del intendente. Diccionario de la guerra. La campaña de los treinta dias. Al través de la prensa extranjera.

## Dominicana

- 1 *El Porvenir militar*, n.º 19 de janeiro de 1915. Nuevo postale. Autoridades militares. Comisión técnica militar. Reformemos los uniformes militares. Organización que se impone. Atiendase á la Escuela militar y naval. La misma barca atravesando el rio. Por qué ha durado tanto la batalla del Aisne. La acción submarina ofensiva.

## Espanha

- 1 *Estudios militares*, n.º 2 de fevereiro de 1915. Orientaciones alrededor de la guerra de hoy. El infante y el terreno. Las grandes maniobras francesas en 1912. D. Juan Buenaventura Dument y Thierry de Gages y de Buisson, Conde Gages, capitán general de ejercito. Tactica de huelgas. Resolución de los problemas tácticos. Breve resumen de la campaña de Tracia. Reglamento tactico de ametralladoras de infanteria (Austria Hungría).
- 2 *Memorial de artilleria*, n.º de fevereiro de 1915. Datos y noticias acerca de la cooperación de la aeronáutica al tiro de las baterias. La cuestion de los calibres: Comentarios á un articulo. La artilleria en la presente guerra.
- 3 *Memorial de ingenieros del ejercito*, n.º 2 de fevereiro de 1915. Destrucción de alambradas. Motores de explosión sin valvulas. Motor Argyll. Práctica radiotelegrafica — Medidas. Necrologia.
- 4 *Revista de caballeria*, n.º de fevereiro de 1915. Informe redactado con arreglo al art. 72 del titulo v del reglamento orgánico de la Escuela, referente al acta suscrita por los jefes del Arma que han asistido al censo de información, celebrado del 5 al 26 del mes de junio del año 1914, en el campamento de Carabanchel. La educación del jefe de caballeria. La guerra actual. La retirada de Rusia. Consideraciones sobre el arma de caballeria.
- 5 *Revista tecnica de infanteria y caballeria*, n.ºs 3 e 4 de 1 e 15 de fevereiro de 1915. La oficialidad combatiente en los ejercitos extranjeros. Reclutamiento de oficiales. Material para voladuras.

## Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de 15 de fevereiro de 1915. Forza numerica degli Ufficiali dell' Arma di Cavalleria. Da un Mese all' Altro. L'esercito belga. Il soldato italiano. Il metodo tattico. Il combattimento di Dafanschen. Annotando «Waterloo (1815)».

## Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.ºs 1 e 2 de janeiro e fevereiro de 1915. Konksvens. Krigen iii. Litt om den svenske. Nedfaldende projektilers auslegshastighet og energi. Meddelelser fra ind og utland. Organisation av og tjenesten ved regimentenes rekrutskoler. El aars vaabenevelser. Befalssporsmaalet. Krigen iv. Træk av løgetjenesten i de sidste krige. De franske truger.